

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Antropologia**

**Juliana Deprá Cuozzo**

**Adicção e Recuperação:  
Ajuda mútua, Moralidade e a Re-Organização da Vida no Contexto de Narcóticos  
Anônimos**

**Porto Alegre  
2013**

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas  
Departamento de Antropologia**

**Juliana Deprá Cuzzo**

**Adicção e Recuperação:  
Ajuda mútua, Moralidade e a Re-Organização da Vida no Contexto de Narcóticos  
Anônimos**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito essencial para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ceres Gomes Victora.

**Porto Alegre**

**2013**

## **AGRADECIMENTOS**

A minha orientadora, Professora Ceres Gomes Victora, por toda dedicação, confiança e carinho.

Aos membros dos grupos de NA e Nar-Anon, pela acolhida e confiança.

Ao grupo de estudos do Núcleo de Pesquisas em Antropologia do Corpo e da Saúde da UFRGS.

Aos amigos, pelas conversas e apoio. Em especial: Iluska, Janaína, Gabriella, Lucía e Gustavo.

Aos meus irmãos e pais, pelo amor.

Aos queridos tios, que me acolheram em Porto Alegre.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo buscar compreender uma das maneiras de se lidar com a relação, considerada por alguns como problemática, entre sujeitos e as chamadas substâncias psicoativas. Trata-se das reuniões de grupos de ajuda mútua frequentados por pessoas que buscam uma recuperação; neste trabalho, especificamente, estudei os Narcóticos Anônimos (NA) e os grupos de familiares e amigos de adictos, os Nar-Anon, na Cidade de Porto Alegre, Estado do Rio Grande do Sul (RS). Para tanto, realizei pesquisa de campo de orientação etnográfica, frequentando reuniões abertas mensais e semanais, em ambos os grupos, de março a dezembro de 2012. A técnica de pesquisa utilizada é fundamentalmente a observação participante. O registro de dados foi feito em caderno de campo, em momentos posteriores às reuniões. Também foi feita análise de trechos selecionados da literatura dos NA e dos Nar-Anon. Os procedimentos de coleta de dados foram guiados pelos preceitos de ética na pesquisa antropológica. Os resultados desse trabalho indicam que a adicção comporta diferentes significados e remete a uma série de princípios sociais e morais que ordenam a vida dos adictos. Reconhecer-se como adicto e participar dos grupos, pode ser entendido como uma forma de organização da vida em um sistema que se apresenta como um tipo de moralidade, no sentido de ser um sistema prescritivo de modo de vida que se atualiza nas reuniões de ajuda mútua por pessoas com trajetórias de vida diferentes.

**Palavras-chave:** Narcóticos Anônimos, Nar-Anon, adicção, recuperação, moralidade, ajuda mútua.

## **ABSTRACT**

The present study aims to understand one of the ways of dealing with a relation, considered by some people as problematic, between individuals and the so called psychoactive substances: the Narcotics Anonymous –NA- and the Friends and Family of Addicts -Nar-Anon - mutual help groups meetings. In order to do that I carried out an ethnographic research, engaging in participant observation in open meetings of both groups, from March to December 2012. I also studied and analyzed NA and Nar-Anon reference booklets and guidelines. All data collection was oriented by ethical principles of anthropological research. The research findings indicate that addiction carries several meanings and refers to a number of social and moral principles that regulate the lives of the so called addicts. Recognizing yourself as an addict and joining a mutual help group means to engage in a specific way of remaking one`s life within a system that presents itself as a morality sustained by beliefs, values and norms that are recurrently updated in the meetings of the mutual help groups by people with different life trajectories.

**Key words: Narcotics Anonymous, Friends and Family of Addicts, addiction, recovery, morality, mutual help.**

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AA	Alcoólicos Anônimos
Al-Anon	Grupos Familiares Alcoólicos Anônimos
NA	Narcóticos Anônimos
N/A	Neuróticos Anônimos
Nar-Anon	Grupos Familiares de Narcóticos Anônimos
OMS	Organização Mundial da Saúde
RS	Rio Grande do Sul
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1. CONSTRUINDO O OBJETO DE PESQUISA .....	13
1.1 Metodologia .....	14
1.2 A presença da pesquisadora nas reuniões .....	14
1.2.1 Identificação .....	15
1.2.2 Negociação .....	15
1.2.3 Participação .....	16
1.3 Ética na pesquisa .....	17
1.4 O funcionamento dos grupos .....	18
1.4.1 Organização .....	18
1.4.2 Literatura dos grupos .....	20
1.4.3 Partilhas e/ou depoimentos .....	21
1.4.4 As trocas de fichas .....	22
1.4.5 Ingressos .....	23
2. BUSCANDO AJUDA: TRATAMENTOS E SUAS SOBREPOSIÇÕES .....	25
2.1 A ajuda mútua a partir do NA e do Nar-Anon .....	26
2.1.1 Contextualizando a ajuda mútua: história da organização de outros grupos e a força da espiritualidade no Programa de Recuperação .....	28
2.1.1.1 A História dos NA .....	29
2.1.1.2 A Dimensão espiritual dos grupos .....	30
2.2 Outros modelos de tratamento e suas sobreposições .....	31
3. ADICÇÃO, “PERTURBAÇÃO” E SOFRIMENTO .....	34
3.1 Adicção vivida como sofrimento, seus contextos e seus significados .....	36
3.1.1 Sofrimento no passado: uma lembrança inicial positiva .....	37
3.1.2 Sofrimento no presente: contextos e significados .....	37
3.1.3 Sofrimento no contexto de transformação: “tirar os óculos rosa” .....	40
3.2 Sofrimento por “recolhimento” .....	41
3.2.1 Sofrimento por “recolhimento”: “limpo e louco” .....	42

3.3 Práticas e prescrições de uma recuperação.....	42
3.3.1 Formas de transmissão da mensagem .....	43
3.3.1.1 Transmissão da mensagem por meio de uma linguagem específica .....	44
3.3.1.2 Adicção e cura: uma tentativa de transmissão da mensagem .....	44
3.3.1.3 Entrevista como transmissão da mensagem.....	45
3.3.1.4 “Milagre” de NA como transmissão da mensagem.....	45
3.3.1.5 A transmissão da mensagem em situações do cotidiano.....	45
3.3.2 Reparação: outra transmissão da mensagem .....	46
3.3.2.1 Reparações no presente em relação ao passado (ativa) .....	47
3.3.2.2 Reparações por comportamentos ditos próprios de adictos .....	47
3.3.3 Sofrimento como motivo para procura pela recuperação .....	47
3.3.4 Possibilidades de recaídas .....	48
3.3.4.1 A relação de recaídas com marcas físicas no corpo .....	49
3.3.4.2 Recaídas com um distanciamento de NA .....	49
3.3.4.3 A recaída entre companheiros adictos .....	49
3.3.5 Rodadas de acolhidas .....	50
4. ADICÇÃO, PARENTESCO E OUTRAS REDES DE RELAÇÕES.....	52
4.1 Relações entre adictos dentro da irmandade de NA .....	57
4.1.1 Apadrinhamento como parentesco.....	57
4.1.2 Relações de lazer e de sociabilidade.....	58
4.1.3 Relações de responsabilidade partilhada .....	59
4.2 A condição de limpo e as suas relações .....	60
4.2.1 A condição de limpo como mediadora de relações familiares e profissionais .....	60
4.2.2 Co-dependência e recuperação .....	62
4.3 Recuperação a partir de Nar-Anon .....	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	65
REFERÊNCIAS.....	67
ANEXOS .....	70

## INTRODUÇÃO

Partindo de uma orientação antropológica, o presente trabalho se propõe a buscar compreender uma das maneiras de se lidar com uma relação, considerada por alguns como problemática, entre sujeitos e as chamadas substâncias psicoativas. Refiro-me a substâncias psicoativas como sendo aquelas assim definidas, a partir do seu contexto (por exemplo, de acordo com a maioria dos membros de NA, “álcool é droga”).<sup>1</sup>

Trata-se das reuniões de ajuda mútua<sup>2</sup>, Narcóticos Anônimos (NA) e as reuniões de familiares e amigos de adictos (Nar-Anon). Ambos os grupos – NA e Nar-Anon - consideram-se irmandades e utilizam-se dos termos próprios adicção e adicto para expressar essa relação. O objetivo dos seus membros é estar em recuperação ou buscá-la. Nesse sentido, frequentam as reuniões de ajuda mútua e seguem os preceitos da irmandade.

Importante esclarecer aqui que os termos próprios; adicto e adicção foram utilizados nesse trabalho da mesma forma em que foram a mim apresentados durante o trabalho de campo. São termos relacionados a uma gramática cujos significados e aplicações fazem sentido dentro da lógica destes grupos de ajuda mútua, que têm na recuperação um eixo através do qual um conjunto de práticas cotidianas se conectam. Assim, quando os utilizo, não é para cristalizar ou substancializar momento(s) do passado e/ou do presente de uma pessoa. Ao contrário, fazem parte de uma dinâmica que se atualiza na prática, permitindo ressignificações que se dão no cotidiano dos sujeitos.

Para tanto, realizei uma pesquisa de campo de orientação etnográfica, frequentando reuniões abertas de ambos os grupos. De acordo com ambos os grupos, reuniões abertas são aquelas nas quais qualquer pessoa pode estar presente, independentemente de se reconhecer

---

<sup>1</sup> Como trabalhos de referência ao tema da presente pesquisa ver obra de Gilberto Velho, Nobres e Anjos: Um estudo de tóxicos e hierarquia, 1998 e de Howard S. Becker, Uma teoria da ação coletiva, 1976.

<sup>2</sup> Neste trabalho assumo o termo ajuda mútua para referir o sistema que envolve coletividades organizadas em torno do apoio *de e para* vários participantes. Isso não significa que não reconhecemos o valor de outros trabalhos antropológicos que tematizaram grupos semelhantes e utilizaram o termo autoajuda para referir aos grupos de Neuróticos Anônimos (TROIS, 1998), e ao “problema da dependência das drogas” (RIBEIRO, 1999). Há, ainda, trabalhos acadêmicos que usam os termos autoajuda e ajuda mútua como sinônimos (TADVALD, 2006; LOECK, 2009). No presente trabalho os termos próprios dos grupos, tais como: adicção, adicto (s), adicta (s), limpo, ativa, irmandade, partilha (s), reparação, transmissão da mensagem, acolhida, recaída, poder superior, programa de recuperação, programa espiritual, 12 Passos, 12 Tradições, reserva, serviço (s), servir, aberta e fechada, serão apresentados na grafia usual. Alguns desses termos poderão aparecer entre aspas, quando se referem a falas literais de informantes e citações de referências bibliográficas.

ou não como adicto. Estive presente, com a autorização dos membros de ambas as irmandades, em atividades sociais promovidas por eles a fim de aproximar-me o máximo possível das suas experiências. Compreendo as limitações e dificuldades que a mim se colocaram, como pesquisadora, pelo fato de não ser um membro/participante que se considerada adicta ou alguém em recuperação. Mas, ao mesmo tempo, o acesso às reuniões, as conversas informais<sup>3</sup> com os membros e as partilhas<sup>4</sup> me possibilitaram grande aproximação com momentos da experiência de recuperação desses membros, assim como dos princípios e das prescrições de recuperação. São os dados coletados nessas condições que conformam o conjunto deste trabalho.

A justificativa para realização desse trabalho está na relevância desse tema para a atualidade, em que se verifica uma importante polêmica no que diz respeito ao chamado “problema das drogas” na nossa sociedade. Este tema pode incluir desde questões macro-políticas, econômicas e policiais que envolvem o narcotráfico em nível internacional, até micro-dinâmicas relacionadas à multiplicidade das formas que os sujeitos que se consideram envolvidos em relações problemáticas com substâncias psicoativas se utilizam para lidar com elas. Trata-se, portanto, de um tema abrangente e polêmico que ocupa quase diariamente as páginas dos jornais - dos cadernos de saúde aos cadernos policiais - e mobiliza uma grande extensão de recursos, sejam eles; financeiros, sociais e/ou individuais. A justificativa também se pauta na importância de realizar um estudo a partir do olhar das ciências sociais sobre um assunto que muitas vezes aparece vinculado ao campo da biomedicina. Dentro desta problemática sociológica complexa e abrangente, realizei um recorte bastante específico que objetiva a aproximação com as concepções e os significados de sujeitos que se entendem como “experimentando uma relação problemática com as substâncias psicoativas” e a partir dos recursos acionados por eles em direção à recuperação dentro de grupos de NA e de Nar-Anon.

Ressalto que não se trata de buscar os motivos que fizeram com que esses sujeitos de pesquisa se envolvessem em uma relação problemática com as substâncias. Meu objetivo é indagar sobre o contexto da adicção, ou seja, um contexto que se baseia, sobretudo, na ideia de vontade própria do sujeito como base para uma recuperação<sup>5</sup> e de uma política de

---

<sup>3</sup> Refiro-me à conversas informais como as que ocorriam antes do início, no intervalo e/ou após as reuniões.

<sup>4</sup> Partilhas são os momentos de uma reunião de NA e de Nar-Anon em que cada membro tem um determinado tempo para falar sobre os aspectos da sua recuperação.

<sup>5</sup> Com relação à vontade própria do sujeito como base para uma recuperação aponto, no sentido oposto a política da internação compulsória, que é uma medida judicial bastante polêmica atualmente no Brasil. Para Fiore (2013)

participação em grupos de ajuda mútua. Isso significa refletir, em certo sentido, sobre um sistema adicção-recuperação produzido por NA e experienciado por seus participantes cotidianamente.

Para tanto, esta pesquisa toma como objeto específico as diferentes concepções de recuperação, da adicção e as suas implicações na re-organização da vida dos participantes de grupos de ajuda mútua.

Assim sendo, no primeiro capítulo deste trabalho, explico como se deu a construção do objeto desta pesquisa e relato sobre a minha forma de aproximação aos dois grupos estudados, sobre o perfil das pessoas que participam dos grupos e sobre a metodologia adotada para a pesquisa. Explico o funcionamento dos grupos e as negociações realizadas para minha inserção e participação como pesquisadora nas reuniões. Apresento ainda as questões éticas que nortearam essa pesquisa, e como elas se relacionam com o princípio do anonimato, presente em ambos os grupos.

No segundo capítulo, discuto a definição de ajuda mútua e algumas de suas características. A ajuda mútua como princípio de ambos os grupos estudados é um exemplo de que a recuperação para os participantes ultrapassa uma dimensão biológica. Para tanto me refiro ao Programa de Recuperação dos grupos estudados, quando a partir da literatura de referência dos NA apresento o Poder superior, presente nos 12 Passos e nas Tradições<sup>6</sup> dos grupos. Em uma tentativa de delinear uma história dos grupos de NA e de Nar-Anon, me refiro por meio de outros estudos antropológicos, ao grupo de Alcoólicos Anônimos (AA), como também, a outros movimentos que antecederam o AA, ambos precursores da ajuda mútua e de seus preceitos.

No terceiro momento do trabalho, sugiro a compreensão da adicção como sendo uma “perturbação”, conforme o conceito de Duarte (1986). Enquanto uma “perturbação” entendo que as pessoas que ingressaram nas irmandades tinham/têm algum tipo de sofrimento que em muitas situações motivou o seu ingresso. As dinâmicas da participação dos adictos em busca do alívio a este sofrimento, incluem um conjunto de práticas que fazem parte do Programa de Recuperação de NA. Práticas como a transmissão da mensagem, a reparação, a procura por recuperação, as recaídas, e as acolhidas, embora componham um sistema comum aos grupos

---

essa política se mostra como “retirada higienista” além de uma violação aos direitos humanos, uma vez que não alcança “políticas de reinserção” e não se baseia em uma vontade individual. Ver mais em: <http://oesquema.com.br/penselivre/2013/01/23/os-equivocos-da-internacao-compulsoria.htm>

<sup>6</sup> Os 12 Passos e as 12 Tradições de NA e de Nar-Anon estão disponíveis nesse trabalho como anexos.

de NA, são vividas de forma particular pelos membros em direção à recuperação da adicção, uma vez que cada membro tem a sua experiência própria com a moralidade de NA.

No quarto e último capítulo, inicialmente apresento o conceito de parentesco a partir da antropologia contemporânea, ou seja, o parentesco como um processo social, que vai além das relações biológicas entre pessoas. Explicito as diferentes relações entre os membros de cada irmandade, como elas se sustentam e como se atualizam a partir das reuniões, e sugiro o conceito de *relatedness* de Carsten (2001) - traduzido para o português como “formas de conectividade” - para expressar este “fazer-se parente” dentro e a partir da irmandade. Nesta dinâmica de relações observo a importância que os membros de NA dão à condição de limpo, isto é, a estar abstinente e seguir o Programa de Recuperação. Esta condição aparece como mediadora das relações sociais e/ou de parentesco; ou seja, é o estar limpo que na visão dos adictos possibilita e, em certo sentido condiciona, a (re) configuração de relações sociais. Também reconheço que o próprio termo irmandade (que é como os membros se referem ao grupo formado pelo conjunto de participantes de NA e de Nar-Anon), já indica uma “forma de conectividade” (idem) entre os membros.

Nas considerações finais retomo elementos trabalhados no capítulo terceiro que constroem os diferentes significados da adicção, sendo eles as seguintes práticas; transmissão da mensagem, reparação, procura por recuperação, recaídas e acolhidas. Aponto também para algumas questões, como a de gênero e a da medicalização como tratamento, caminhos que uma pesquisa futura poderia vir a explorar. Finalizo retomando um dado de uma entrevista realizada para essa pesquisa, situada no capítulo terceiro, no item sobre transmissão da mensagem, que informa sobre como a presente pesquisa foi também incorporada ao sistema de significados dos grupos estudados.

## 1. CONSTRUINDO O OBJETO DE PESQUISA

A primeira vez em que estive presente em uma reunião de um grupo de Narcóticos Anônimos (NA) ocorreu no ano de 2008. O propósito era o de realizar um exercício de etnografia para uma cadeira de antropologia, do início do curso de Ciências Sociais, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mas anteriormente a esse primeiro contato, a minha identificação com os membros do grupo na condição de estudante pesquisadora ocorreu antes do início da primeira reunião na qual participei. Recordo que fui muito bem recebida por um participante do grupo que me indagou se eu era membro de NA e se era a minha primeira vez no grupo. Desde logo expliquei que o meu propósito era o de conhecer o grupo, já que gostaria de produzir um trabalho acadêmico sobre o tema.

A partir dessa proximidade, o interesse em escrever o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) sobre o tema dos Narcóticos Anônimos. Mais especificamente, sobre as experiências e os significados que envolvem a participação em um grupo de NA. Sobre a pesquisa de campo em um grupo de Nar-Anon, meu interesse se deu a partir de questionamentos sobre uma forma de lidar com a adicção por parte dos familiares e amigos.

A primeira vez que participei de uma reunião de Nar-Anon, fui recebida por meio do que eles denominam de acolhidas. Durante a acolhida expliquei sobre o propósito da minha presença, possibilitando que a conversa se desenvolvesse de uma forma mais tranqüila, a partir do momento em que demonstrei algum conhecimento sobre esta irmandade, relatando um dos princípios do grupo, o do anonimato, presente na 12ª Tradição. O membro que realizou a acolhida afirmou publicamente pelo uso do termo “estudante” a minha condição de pesquisadora, apontando que eu já tinha algum conhecimento sobre o grupo.

As pessoas que participam de ambos os grupos exercem atividades profissionais diferentes, como as de professores, empresários, trabalhadores de escritórios, advogados, porteiros, vigilantes, trabalhadores de supermercado, estudantes de ensino fundamental e de diversos cursos de graduação, e pessoas aposentadas. Assim como, possuem idades diversas, desde pessoas com 20 anos de idade até pessoas com 60. No grupo de NA, a maioria (entre dez e quinze) dos participantes nas reuniões são homens, mas a presença de mulheres, apesar de ser em menor escala, também é constante. No grupo de Nar-Anon, a presença de homens e mulheres é constante, mas o número de mulheres pode ser um pouco maior em algumas reuniões.

O percurso desse capítulo tem como objetivo demonstrar o caminho feito para a construção do objeto de pesquisa desse trabalho. Para tanto, inicio com a metodologia adotada para essa pesquisa. Em seguida descrevo como se deu a minha identificação, as negociações, e a participação nas reuniões, juntamente com a questão ética envolvida nessa pesquisa, e a sua relação com o anonimato enquanto princípio dos grupos. Concluo o capítulo apresentando o funcionamento dos grupos estudados.

## 1.1 METODOLOGIA

O presente trabalho foi construído a partir de pesquisa de campo, desde março de 2012, junto a um grupo de NA e a um grupo de Nar-Anon, na cidade de Porto Alegre/RS<sup>7</sup>. Partindo de uma orientação etnográfica, utilizei metodologia e técnica de pesquisa como a observação participante. A frequência em reuniões abertas das irmandades era semanalmente no grupo de NA e mensalmente no grupo de Nar-Anon. Ao todo frequentei mais de 60 reuniões de NA, e por volta de 6 reuniões em Nar-Anon.

O registro de dados foi feito no caderno de campo e em momentos posteriores às reuniões. As entrevistas não foram gravadas, mas, redigidas (também, em momentos posteriores à realização). Também foi feita a análise de partes da literatura dos NA e dos Nar-Anon, literatura essa que está disposta nos anexos do presente trabalho. Os procedimentos de coleta de dados foram guiados pelos preceitos de ética na pesquisa antropológica. Nesse sentido, pretendo retornar o presente trabalho aos grupos estudados assim como me colocar à disposição para qualquer dúvida de entendimento de escrita e de significados da pesquisa.

## 1.2 A PRESENÇA DA PESQUISADORA NAS REUNIÕES

Participar das reuniões dos grupos de ajuda mútua na condição de pesquisadora envolveu uma série de diálogos e momentos nos quais a minha presença foi negociada e autorizada. Foi possível identificar três tipos de diálogos e momentos em que esta situação se evidenciou, listados a seguir.

---

<sup>7</sup> Também foram coletados dados e feitas observações em um grupo de NA na cidade de Dublin, na Irlanda, durante dois meses do ano de 2011. Embora fora do escopo do presente trabalho, esta experiência é mencionada porque, de alguma maneira, informa a análise aqui proposta.

### 1.2.1 IDENTIFICAÇÃO

Em todas as reuniões abertas de Narcóticos Anônimos, o secretário da reunião iniciava identificando a reunião como aberta e propondo aos àqueles membros presentes que desejassem, que fizessem a sua apresentação, informando o nome próprio e, na maioria dos casos, o tempo limpo de cada um. A minha identificação como pesquisadora já no início das reuniões ocorria juntamente nesse momento inicial com os demais membros. Em geral, a apresentação se iniciava a partir da primeira pessoa que está sentada a direita do secretário da reunião, mas essa regra não é rígida. Apresentava-me na maioria das reuniões, mesmo quando todos os presentes ou a maioria deles já me conheciam. Costumava declarar meu primeiro nome e referir que fazia um trabalho sobre aquele grupo. As pessoas presentes me respondiam da mesma forma que aos membros. Ou seja, repetiam o meu primeiro nome, seguido de um cumprimento. Muitas vezes, me diziam que eu era bem-vinda, confirmando que eu poderia permanecer na sala.

Já no caso das reuniões de Nar-Anon a minha identificação ocorria de forma um pouco diferente. Os membros não se apresentavam individualmente<sup>8</sup> como em NA. Desta forma, identifiquei-me na primeira vez que estive presente na reunião, quando ocorreu a acolhida. A partir dessa primeira reunião, antes do início das reuniões subsequentes às quais participei, me identificava como pesquisadora para as pessoas que vinham conversar comigo, cumprimentando as pessoas a quem já conhecia. Em alguns momentos minha presença nas salas/reuniões foi negociada por mim, e em outros, partia dos próprios membros. Trato disso no ponto a seguir.

### 1.2.2 NEGOCIAÇÃO

A negociação, de minha parte, ocorria durante quase todas as reuniões: me apresentava, deixando explícito a minha condição de estudante e me prontificando para qualquer esclarecimento sobre o trabalho acadêmico que estava desenvolvendo. Já a negociação da minha presença na reunião, partindo de seus próprios membros, ocorreu em

---

<sup>8</sup> Apenas se apresentavam individualmente no início da reunião as duas pessoas que eram responsáveis pelo andamento daquela reunião. Elas falavam o seu primeiro nome e que eram mais um membro de Nar-Anon.

uma reunião específica, composta também por alguns membros que não frequentavam corriqueiramente aquele grupo específico<sup>9</sup>. O secretário iniciou a reunião propondo a apresentação dos presentes, como faz regularmente. No momento que todos os membros se apresentavam individualmente, também me apresentei. Logo após, o secretário pediu que todos os membros ficassem à vontade, indicando que muitos deles já estavam acostumados com a presença de frequentadores. Depreendo que a indicação de que “ficassem à vontade” significava que não havia problemas em se fazer uma partilha, uma vez que todos os frequentadores, inclusive eu, já eram conhecidos de outros membros ali presentes e dessa forma, não eram totalmente estranhos.

Em Nar-Anon, nas primeiras reuniões que frequentei, conversando com um dos membros sobre a possibilidade de estar presente durante toda a reunião, ele me explicou que eu poderia permanecer na sala apenas até o intervalo. A sua justificativa era a de que na segunda parte da reunião, os membros fariam exclusivamente o que ela chamou de “depoimentos”, referindo-se a uma possível expressão de sentimentos mais profundos e íntimos. Em reuniões sucessivas a essa, estive presente na totalidade do seu tempo. Estando presente nas reuniões me percebi participando delas de formas diversas, como será descrito a seguir.

### 1.2.3 PARTICIPAÇÃO

Por meio de alguns termos (como companheiro), me percebi incentivada a me apresentar, mesmo certa vez quando cheguei após o início de uma reunião de NA. Assim, o secretário afirmou “não sei se a companheira gostaria de se apresentar”. Agradecendo, me apresentei. Esse membro me conhecia de outras reuniões e sabia sobre o propósito da minha presença na sala. Compreendo o termo companheiro como sendo informal, é como os membros comumente se identificam uns com os outros.

Em outra reunião, durante a partilha de um membro, ele falou se dirigindo a mim: “tava falando com a companheira lá fora”. Para contextualizar tal fala, recordo que ele se referia a um assunto a respeito do qual nós dois estávamos conversando em um momento informal, antes do início da reunião.

---

<sup>9</sup> Como aponta Loeck (2009), e como foi percebido nesse trabalho, é comum os membros circularem em diversos grupos, servindo em algum deles. O membro pode ter um “grupo de escolha”, onde segundo o autor, é onde ele se sente mais a vontade ou é o grupo onde esse membro ingressou. Em Porto Alegre existem mais de vinte grupos de Narcóticos Anônimos.

### 1.3 ÉTICA NA PESQUISA

Sobre a questão ética que norteou a construção desse trabalho, realço alguns dados empíricos para a construção do objeto de pesquisa.

Como se trata de membros anônimos, ou seja, de anonimato pessoal, se mostra implausível pensar em um termo de consentimento informado por escrito. No entanto, como já descrito anteriormente, eu me identificava como pesquisadora, e fui autorizada pelos membros a acompanhar as reuniões na sua totalidade ou até a metade delas. Isso evidencia a aceitação e a confiança dos membros de ambas as irmandades, o que tornou possível a realização desse trabalho.

Muitos membros acompanharam de alguma forma o percurso desse trabalho, alguns tiveram acesso aos materiais que eu produzia para apresentações em eventos, como o Salão de Iniciação Científica da UFRGS. A recusa por parte de uma adicta, sobre minha participação em uma reunião de NA, mostrou-se importante para mim enquanto proteção dos interesses das populações pesquisadas. Dessa forma, foram resguardados os nomes dos grupos estudados ou pormenores que possam identificá-los, assim como dados confidenciais.

O anonimato explícito na 12ª Tradição faz parte do Programa de Recuperação de ambos os grupos. No início de cada reunião de NA, algum membro afirma que este “é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades”.

O anonimato apareceu diretamente em algumas conversas com membros de NA. Uma delas ocorreu no final de uma entrevista, quando uma participante afirmou que a sociedade é muito preconceituosa, que apenas os amigos mais íntimos e alguns familiares sabem da sua adicção. Nesse sentido, ela me pediu para que eu respeitasse tal princípio, não falando o seu nome ou qualquer outra característica que possa identificá-la enquanto membro do grupo. Pediu que na presença de outras pessoas, em um possível encontro público, não se mencionasse sobre a irmandade.

O anonimato também está relacionado com a escolha de participação em reuniões em certos locais. Dessa forma, um participante pode preferir não frequentar reuniões de um grupo que é muito próximo da sua residência, onde pode ser avistado por vizinhos ou conhecidos. O anonimato também se mostrou importante para um membro de NA em sua possível relação de

amizade com não membros. Nesse sentido, em uma partilha, um membro relatou que em uma ocasião, chegando à casa de outro membro, fora apresentado para outras pessoas presentes, como “companheiro”. O adicto convidado, protagonista da história recém relatada, indica que, se por um lado as visitas à casa de outro membro podem facilitar suas relações de amizade com familiares e amigos desse membro, por outro, podem colocar em questão outras regras de convivência aprendidas em NAs, como o princípio do anonimato.

O anonimato também está presente na 11ª Tradição: “Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não em promoção; na imprensa, rádio e filmes precisamos sempre manter o anonimato pessoal”. As irmandades não têm fins comerciais ou lucrativos, a atração é exercida pelo testemunho dos membros, quando a divulgação é exercida por dois ou mais membros.

## 1.4 O FUNCIONAMENTO DOS GRUPOS

Apresento a seguir o funcionamento das reuniões de ambos os grupos estudados, um de NA e outro de Nar-Anon. Para o presente estudo detalho (1) a organização das reuniões abertas; em seguida (2) as partilhas e/ou os depoimentos. Apresento também (3) a literatura dos grupos, (4) as trocas de fichas e (5) as formas de ingressos (as duas últimas, presentes em NA).

### 1.4.1 ORGANIZAÇÃO

A organização da sala, nas reuniões abertas ocorre de forma muito parecida nos dois grupos estudados. Em ambos, em quase todas as reuniões<sup>10</sup> as pessoas ficam dispostas em círculo.

Nos dois grupos estudados cada reunião é registrada em ata, a qual é escrita pelos próprios membros e, ao final, lida pelo secretário. Nela constam alguns dados sobre a reunião: o primeiro nome do secretário, o primeiro nome do tesoureiro do grupo, o número

---

<sup>10</sup> Com exceção de duas reuniões abertas em Nar-Anon, quando as cadeiras estavam dispostas em fileiras. Essas reuniões ocorreram com a palestra de profissionais não pertencentes da irmandade, um médico-psiquiatra e um psicólogo, ambos a convite do próprio grupo. Esses convites estão de acordo com a 6ª Tradição, que ressalva que os oradores convidados devem ser informados pelo servidor do grupo que fez o convite, sobre os princípios da presente Tradição, para se manter o foco na recuperação e o não endossamento dos membros em outras entidades.

aproximado de pessoas presentes na reunião, se ocorreu na reunião alguma troca de ficha, o total de fundos arrecadados naquela reunião, e o saldo atual do grupo.

Em Nar-Anon, a ata é lida também no final da reunião, constando o primeiro nome das pessoas que participaram da reunião, o primeiro nome dos visitantes, o total de fundos arrecadados naquela reunião e o saldo atual do grupo. Durante a primeira parte da reunião circula uma lista de presença e todas as pessoas escrevem o seu primeiro nome, inclusive os visitantes. Todos os trabalhos executados, ou seja, servidos por membros de ambas as irmandades são voluntários. As pessoas responsáveis pela reunião em Nar-Anon, por meio de um consenso entre os membros, alternam-se trimestralmente. Em uma dessas mudanças que acompanhei, uma participante relatou que qualquer membro pode assumir tais papéis. Ela relatou que a primeira vez que assumiu, era ainda inexperiente e isso ocorrera por causa da ausência do membro que estaria responsável naquele dia.

As funções exercidas em Nar-Anon são as de secretário, programador da reunião, tesoureiro e coordenador. Nem todas as pessoas que estão assumindo essas funções estão presentes na reunião, porém, a reunião guia-se com a presença do secretário e do coordenador, que ficam dispostos atrás de a uma mesa.

Nas reuniões de NA os membros revezam-se nas funções de secretário e de tesoureiro<sup>11</sup>. Um mesmo membro pode exercer na mesma reunião, a função de secretário e a de tesoureiro. Assim como a função de secretário pode ser dividida em uma reunião por dois membros. Isso pode ser uma decisão antecipada ou uma negociação feita pelos membros no momento da reunião. Quando o servidor, ou seja, a pessoa que exerce alguma das atividades prevista, não pode permanecer durante todo o período da reunião, um membro presente pode *servir* na primeira parte da reunião e outro na segunda. Cada parte tem a duração de uma hora, entre elas há o intervalo de dez minutos.

No final da primeira parte das reuniões abertas de ambos os grupos, se pratica a 7ª Tradição, quando é explicado por um dos membros o seu significado: “Todo grupo de NA deverá ser totalmente auto-sustentado, recusando contribuições de fora”. As irmandades não aceitam empréstimos ou doações evitando, desta forma, compromissos e intervenções. O próprio grupo sustenta despesas como aluguel, suprimentos, literatura, limpeza. Em NA é explicado que não é o propósito dessa Tradição constranger os membros e que ela significa gratidão a todos os membros que participaram e participam da irmandade. Para tanto, é posta

---

<sup>11</sup> A função de tesoureiro do grupo, desde quando iniciei o trabalho de campo, esteve a cargo de um mesmo membro.

em circulação uma sacola e apenas os membros podem contribuir. Isso também foi relatado em Nar-Anon, quando um membro explicou que muitos membros podem apenas esticar o braço, em um sentido simbólico de contribuição. A prática da 7ª Tradição não ocorre em todas as reuniões de Nar-Anon; me foi explicado e percebi que em reuniões festivas não se passa a sacola, já que podem estar presentes pessoas de fora da irmandade. Foi explicado também que Nar-Anon não possui nenhum patrimônio e que não é incomum haver colaboração financeira para que alguns de seus membros pudessem se deslocar até os lugares de reuniões.

É interessante relatar que um membro de NA que estava há muito tempo na condição de limpo partilhou sobre o seu estranhamento em relação a essa Tradição quando ingressou na irmandade. Segundo ele, naquele momento ele não apenas não se identificava com os outros membros, pois ainda não se percebia como um adicto, como também não tinha compreendido essa Tradição.

#### 1.4.2 LITERATURA DOS GRUPOS

O funcionamento das reuniões é guiado pela literatura dos grupos. Cada grupo, diante da sua extensão da literatura, decide a qual seguir durante as reuniões. Ela se encontra disposta sob uma mesa e qualquer membro pode ter acesso a elas durante as reuniões, como também podem adquirir, comprando-as<sup>12</sup>.

No grupo de NA estudado, os Passos 1, 2 e 3 eram lidos em cada reunião, antes do início das partilhas. Assim, se na última reunião era estudado o Passo 1, na seguinte seria o Passo 2. Os Passos se encontram no Livro básico, conhecido pelos membros como o Livro azul, que é usado comumente nas reuniões de NA.

No grupo de Nar-Anon, todas as reuniões abertas que frequentei, iniciavam com a leitura individual de uma Tradição e/ou de um Passo por todas as pessoas presentes. O material da literatura é distribuído antes do início da reunião, ficando disposto sobre cada cadeira.

A dinâmica de leituras é própria de cada grupo, reiterando a 4ª Tradição: “Cada grupo deve ser autônomo, exceto em assuntos que afetem outros grupos, o Nar-Anon ou NA como um todo”, já que as reuniões podem variar de um grupo para o outro, sem afetar a irmandade como um todo, ou seja, a recuperação. Mesmo com essa flexibilização das leituras em Nar-

---

<sup>12</sup> Sobre os valores das literaturas eles são simbólicos e muitas de suas partes estão disponíveis *online*.

Anon, tem que ser cumprido o estudo de uma Tradição e de um Passo por mês, contabilizando o estudo de 12 Passos e de 12 Tradições em um ano.

Em ambos os grupos, só se pode circular materiais dos próprios grupos. Dessa forma, materiais alheios às irmandades não podem ser distribuídos durante as reuniões. Isso está de acordo com a 6ª Tradição de uma política de não filiação, de não apoio ou recomendação do grupo: “Um grupo de NA nunca deverá endossar, financiar ou emprestar o nome de NA a nenhuma sociedade relacionada ou empreendimento alheio, para evitar que problemas de dinheiro, propriedade ou prestígio nos desviem do nosso propósito primordial”. Assim, o uso de literatura e anúncios de outras irmandades nas reuniões de NA, constitui endosso a um empreendimento alheio. Embora a localização de um grupo de NA ou de Nar-Anon possa estar fisicamente dentro de um espaço de uma igreja, as irmandades não são afiliadas a nenhuma religião.

Outra parte da vasta literatura de ambas as irmandades que se faz presente no final de todas as reuniões, é a Oração da Serenidade<sup>13</sup>: “Deus, conceda-me Serenidade para aceitar as coisas que não posso modificar, Coragem para modificar aquelas que posso e Sabedoria para reconhecer a diferença, Só por Hoje, Funciona”.

#### 1.4.3 PARTILHAS E/OU DEPOIMENTOS

As falas dos membros em reuniões abertas de NA e de Nar-Anon, ocorrem por meio das partilhas e/ou dos depoimentos. A possibilidade de partilhar em uma reunião de NA depende da quantidade de membros presentes na sala. No grupo estudado, era variável o número de membros presentes na reunião, entre cinco e vinte pessoas, porém, todos os adictos presentes, na maioria das vezes conseguiam partilhar<sup>14</sup>.

A partilha é uma narrativa que expressa um momento da recuperação. Dessa forma, alguns adictos afirmam estarem trabalhando os Passos; outros, afirmam que anteriormente aos Passos, estão tentando fazer “90 dias, 90 reuniões”<sup>15</sup>, como sugere o Programa de

<sup>13</sup> Para a Oração da Serenidade ver: <http://www.na.org.br/portal/index.php?pagina=oracao>.

<sup>14</sup> Foi relatado por uma participante que em outras reuniões de outros grupos que frequentava, devido ao grande número de membros presentes, alguns adictos não tinham tempo para partilhar.

<sup>15</sup> Significa frequentar 90 reuniões de NA em 90 dias subsequentes. Essa participação é orientada por alguns membros para aqueles que ingressaram na irmandade e para aqueles que retornaram depois de algum desligamento. Um membro relatou como é difícil essa participação, outros relataram com ânimo que conseguiram.

Recuperação. As trocas de fichas e os ingressos, específicos em NA, ocorrem por meio das irmandades.

Para se partilhar em NA, são sorteadas fichas pelo secretário no início da reunião. Essas fichas estabelecem a ordem de ocorrência das partilhas<sup>16</sup>. O secretário coloca o número de fichas correspondente ao número de membros presentes na reunião dentro de uma sacola. Cada membro recebe uma ficha antes do sorteio e ainda outra ficha cujo mesmo número se encontra replicado dentro da sacola. A duração das partilhas é entre cinco a sete minutos, tempo cronometrado pelo secretário. Não é comum qualquer tipo de interrupção durante uma partilha.

Nas reuniões de Nar-Anon, o conteúdo das partilhas ocorre de forma “mais branda”, segundo os membros, quando se têm novatos, visto que esses estão se familiarizando com a irmandade. Nas reuniões abertas, explicou uma participante, as partilhas ou depoimentos podem não ser expressas em forma e conteúdo por seus membros, da mesma forma que ocorre nas reuniões fechadas. Essa participante relatou que em reuniões abertas, com a presença de qualquer membro da sociedade, essas pessoas não entenderiam falas que fazem sentido entre os participantes, visto que eles têm uma condição em comum, a recuperação.

As falas dos membros de Nar-Anon ocorrem também por meio do estudo da literatura. Os membros já previstos anteriormente fazem leituras e comentários sobre a literatura e juntamente a isso, podem fazer os seus depoimentos. Por um tempo disponibilizado, por volta de cinco minutos, outros membros, de forma não prevista, também fazem os seus depoimentos. Esses momentos, que ocorrem em Nar-Anon, não são cronometrados, mas uma das pessoas que conduz a reunião pode interromper tal depoimento, dando prosseguimento ao estudo da literatura daquela reunião.

#### 1.4.4 AS TROCAS DE FICHAS

As trocas de fichas se referem à comemoração da recuperação, elas marcam a passagem do tempo em relação aos períodos de abstinência. Em forma de chaveiros, a

---

<sup>16</sup> Vale ressaltar que essas fichas não são as mesmas que as referidas no item seguinte. Nesse primeiro caso as fichas são um papel plastificado que contém um número único que dá ordenamento para as partilhas. No segundo caso, como será explicado, trata-se de um sistema de marcação de tempo de abstinência.

primeira é de cor branca e marca o início, a entrada no grupo<sup>17</sup>. Elas podem ser dadas e recebidas em reuniões abertas ou nas fechadas, isso é uma escolha dos adictos que está recebendo. Nas abertas, pode ocorrer quando o membro deseja que alguma pessoa exterior à irmandade esteja presente na entrega.

A troca de ficha ocorre na segunda parte da reunião, não precisa ser no dia exato de comemoração de *tempo limpo* dos adictos. O adicto que vai recebê-la tem escrito por ele mesmo ou por outro membro, no quadro do grupo, o seu primeiro nome e o seu tempo limpo. Assim, tanto o adicto que vai recebê-la como o que a entrega, compartilham. A partilha do primeiro vai no sentido de agradecimento; já a do segundo, é no sentido de um incentivo à recuperação. A troca de ficha é percebida como uma troca de todos os membros, mais uma instância na qual a recuperação de si e do outro se misturam, no sentido de que a ficha recebida é um incentivo para aqueles membros que ainda não receberam a sua, demonstrando que é possível uma recuperação.

#### 1.4.5 INGRESSOS

Para o ingresso na irmandade de NA é necessário a prática do 1º Passo: “Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis”.

O ingresso, e a conseqüente participação dos membros, é o que mantém o funcionamento do NA, ou seja, por meio dele, as pessoas se tornam membros do grupo. É a primeira ficha recebida, ocorre no final da primeira parte das reuniões, de uma forma não programada anteriormente, por meio da indagação do secretário da reunião sobre “se alguém gostaria de ingressar na irmandade”. Essa pergunta é feita em todas as reuniões, mesmo quando o secretário sabe que estão presentes apenas membros. A possibilidade de ingresso assume três formas possíveis: A primeira delas ocorre quando o secretário escreve o primeiro nome do futuro membro no quadro; a segunda quando o futuro participante menciona o seu interesse em ser membro, conversando com algum já membro durante o intervalo da reunião; e a última, quando o futuro membro levanta o braço junto com o secretário quando esse último pergunta se alguém gostaria de ingressar.

<sup>17</sup> As demais cores das trocas de fichas estão implicadas com o tempo que se está limpo e são elas: a ficha de cor branca, “só por hoje”; a de cor laranja, de trinta dias limpo; a de cor verde, de sessenta dias limpo; a de cor vermelha, de noventa dias limpo; a de cor azul, de seis meses limpo; a de cor amarelo, de nove meses limpo; a fosforescente, um ano limpo; a cinza, dezoito meses limpo; e, a preta, por múltiplos anos limpo.

A partir da manifestação no sentido de se tornar membro, anota-se (se isso ainda não fora feito) o primeiro nome do ingressante no quadro e todos os presentes batem palmas em um clima muito descontraído. O secretário daquela reunião explica para o membro que ele já faz parte de NA e que na segunda parte da reunião, depois do intervalo, se fará uma “cerimônia” para ele. Nesse momento, ele recebe a ficha de cor branca e palavras de incentivo e de confiança de algum outro membro.

O ingresso na irmandade de NA ocorre apenas uma vez e os membros têm controle disso. Dessa forma, depois de uma vez ingresso, mesmo se houver algum afastamento da irmandade, mesmo com recaídas, o adicto não ingressa novamente. O ingresso em um grupo de NA permite a frequência e a participação do membro em qualquer outro grupo de NA, independente da cidade ou do país. Por meio do caderno de atas, qualquer membro de NA pode confirmar um ingresso de alguém que já seja membro.

## 2. BUSCANDO AJUDA: TRATAMENTOS E SUAS SOBREPOSIÇÕES

O princípio da ajuda mútua, presente em ambas as irmandades estudadas, norteia a recuperação dos participantes, já que a recuperação se faz a partir do apoio entre sujeitos com experiências comuns. Em NA, a experiência comum é o compartilhamento da condição de adicto e a sua (busca por) recuperação. Em Nar-Anon, inicialmente, a experiência comum, é o fato de se considerar ter algum parente e/ou amigo na condição de adicto e, posteriormente, de compartilhar a recuperação própria de si, e não (mais) a do adicto. O princípio da ajuda mútua se baseia no Programa de Recuperação de ambos os grupos, denominado por eles de Programa espiritual.

Os dois grupos estudados no presente trabalho são possibilidades dentro de um conjunto de alternativas que investem, cada uma a sua forma, em uma recuperação. Neste sentido, as alternativas podem ser associadas, quando um participante aciona ao mesmo tempo mais de uma possibilidade de tratamento configurando-se uma sobreposição, como será relatado ainda nesse capítulo. No caso do uso associado ou complementar de alternativas, observa-se ainda que uma delas pode ser predominante em relação a uma outra.

Pelo Programa de Recuperação e pelo que é referido por alguns participantes, a adicção aparece relacionada inicialmente a algum sofrimento ou alguma condição<sup>18</sup> que lhes motivou a buscar apoio em grupos de ajuda mútua.

A adicção é um conceito próprio, chave para a ajuda mútua em NA, na medida em que somente aquele que se reconhece como tal tem espaço garantido nesses grupos. A adicção, portanto, é um componente ativo da sistemática de NA, fazendo parte tanto do tempo presente – pois mesmo em recuperação, um adicto não se distancia desta condição – como do tempo passado, na forma de uma permanente lembrança da condição ativa. A lembrança, que faz parte da recuperação do participante, encontra na partilha sua e de outros membros um momento ímpar de relembrar, significar e atualizar a sua experiência de adictos. Esta lembrança, como um processo de produção de um não esquecimento da adicção, pode ser vista como um dos princípios da irmandade.

Este capítulo está dividido em três partes. Na primeira delas, defino ajuda mutua especificamente a partir dos dois grupos estudados, ressaltando a solidariedade, a

---

<sup>18</sup> Existem casos em que a motivação da participação em NA não foi relatada pelo sujeito como a de algum *sofrimento*, e tampouco, a busca por ajuda por essa razão. Mas sim, por uma determinação judicial, quando o sujeito comprova a sua frequência nas reuniões de NA, por meio do número de carimbos fornecidos pelo grupo. Isso também foi relatado no trabalho de Loeck (2009), quando o autor aponta que as pessoas que estavam no grupo por determinação judicial, dificilmente permaneciam na irmandade.

flexibilização das regras no grupo e a dimensão espiritual no Programa de Recuperação, como sendo algumas das suas características. Aponto quais são as outras maneiras citadas na literatura de referência para lidar com a relação, entendida em certos contextos como problemática, com as assim chamadas substâncias psicoativas e a sua relação com os membros dos grupos estudados. Apresento, ainda, como alguns modelos de tratamento podem ser acionados - de forma complementar ou não -, pelas pessoas que se consideram envolvidas em uma relação dita como problemática com estas substâncias.

## 2.1 A AJUDA MÚTUA A PARTIR DO NA E DO NAR-ANON

Os grupos de NA e de Nar-Anon, tal como já referido, se baseiam no princípio de ajuda mútua. Cabe, portanto, explicitar, como este princípio está sendo entendido neste trabalho.

O conceito de ajuda mútua refere-se à formas de buscar promover uma mudança em alguma dinâmica da vida a partir de uma prática de coletividade organizada com e entre pessoas que se pensam afetadas por uma situação semelhante. Nesse sentido a ajuda mútua requer necessariamente uma dinâmica de apoio que, na maior parte dos casos, se traduz na organização e participação em grupos. Trata-se, em síntese, de um princípio de solidariedade que é praticado coletivamente.

A ajuda mútua ocorre entre pares e voluntariamente, ou seja, entre pessoas que compartilham de um problema comum. O Programa de NA funciona pela ajuda de um adicto a outro, de forma não profissional.

No presente trabalho, observei três situações da solidariedade como característica da ajuda mútua entre adictos: A primeira foi percebida no (a) ensino-aprendizado entre eles, a segunda (b) na escuta e a terceira (c) no apoio entre os membros, conforme descrito a seguir:

### (a) Solidariedade no ensino-aprendizado:

O ensino-aprendizado insere-se na ajuda mútua através da troca de informações e experiência entre membros que participam dos grupos há mais ou menos tempo. Pode ocorrer entre pessoas que estão há mais tempo nas irmandades, mas é frequentemente observado entre os membros mais experientes e também entre os recém ingressos. Os mais experientes incentivam os novatos a partilharem, pois compreendem que isso é importante para a recuperação. Os novatos conversam e apontam suas dúvidas para os primeiros. Os membros

por mais tempo limpo, por sua vez, revivem pela partilha do novato, o início da sua recuperação, o que os faz lembrar que estão recuperação continuamente.

**(b) Solidariedade na escuta:**

A escuta da recuperação do outro é uma troca de saberes e experiências que explicita uma condição comum, a adicção. A escuta no NA também se torna um aprendizado, quando a partilha do outro exige se pensar na própria recuperação. Dessa forma, um participante relatou que não gostaria de partilhar durante uma reunião, pois entendia que ele precisava *ouvir* as partilhas dos outros adictos.

**(c) Solidariedade entre adictos pela condição de adictos:**

Observei, pela partilha de um membro, uma situação em que a presença de um adicto fora do ambiente dos encontros oficiais de grupo garantia o apoio a outro, por compartilharem a mesma condição, a adicção. Ou seja, a presença de outro membro em um local público (no caso relatado, um restaurante) significa alívio, uma vez que ele relatou que “não estava sozinho”, tinha a companhia de outro adicto para conversar.

Compreendo, ainda, como sendo uma das características da ajuda mútua, a flexibilização de regras nos grupos. Normalmente os grupos definem o horário do início e do final dos encontros, bem como o tempo de sete minutos para cada partilha. Mas percebi uma flexibilização desta definição, em função da solidariedade própria deste tipo de ajuda mútua. A seguir apresento dados observados em duas situações, o primeiro deles, sobre partilha que ocorreu após o término de uma reunião e o seguinte, sobre uma partilha em uma situação de troca de ficha em que o tempo não foi cronometrado.

No primeiro caso, um membro que tinha chegado após a entrega das fichas para partilhar, indagou se poderia fazê-lo. O servidor daquela reunião, com o consentimento de todos os membros presentes, concedeu o tempo para aquela partilha, que ultrapassou o horário final da reunião. No segundo caso, um membro estava partilhando por ocasião de uma troca de ficha de dez anos limpo e indagou sobre o tempo disponível para a partilha, salientando que poderia ter ultrapassado. Ressalto que as pessoas presentes nessa reunião estavam atentas a essa partilha, e muitos membros estavam emocionados. O servidor lhe respondeu, apoiado na confirmação de um membro com mais tempo limpo, que não seria cronometrado o tempo, ou seja, o tempo estava “livre”.

### 2.1.1 CONTEXTUALIZANDO A AJUDA MÚTUA: HISTÓRIA DA ORGANIZAÇÃO DE OUTROS GRUPOS E A FORÇA DA ESPIRITUALIDADE NO PROGRAMA DE RECUPERAÇÃO

A irmandade de Alcoólicos Anônimos (os AA), uma das primeiras coletividades organizada, que lida com uma relação considerada problemática com uma substância psicoativa específica, o álcool, existe há quase oitenta anos nos Estados Unidos<sup>19</sup>.

O modelo de tratamento está presente em todos os continentes do mundo<sup>20</sup> e com base nos seus 12 Passos surgiram vários outros grupos. Entre eles estão os grupos de familiares de alcoólicos Anônimos (Al-Anon), os de Narcóticos Anônimos (NA) e os familiares de Narcóticos Anônimos (Nar-Anon). Outros grupos surgiram também a partir do modelo de 12 Passos do AA. Foram eles: grupos de Fumantes Compulsivos, os de Neuróticos Anônimos – N/A, os de Comedores Compulsivos Anônimos, os de Mulheres que Amam Demais Anônimas, os de Jogadores Anônimos, os de Mulheres Compulsivas por Sexo (TROIS, 1998; TADVALD, 2006; CAMPOS, 2008). Expandiram-se também em Devedores Anônimos, Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, Trabalhadores Compulsivos Anônimos, Sobreviventes de Incesto Anônimos, Obsessivo-Compulsivos Anônimos (LOECK, 2010).

O surgimento dos grupos de Alcoólicos Anônimos, segundo tem sido relatado em diversos trabalhos acadêmicos, bem como no sítio oficial desta irmandade, remonta ao ano de 1935, em Akron, Estado de Ohio, nos Estados Unidos da América (CAMPOS, 2008; FRÓIS, 2007; TADVALD, 2006, SOARES, 1999). No Brasil, segundo Campos (2008) e Trois (1998) o grupo de AA existe desde 1947<sup>21</sup>.

Os trabalhos antropológicos que tratam do Grupo Oxford<sup>22</sup> apontam que os fundadores dos AA participavam deste agrupamento. Porém, para compartilhar experiências com outros alcoolistas e também devido à dita estrutura rígida do Grupo Oxford, formaram a Junta de Serviços Gerais de AA, em Nova York. De acordo com Tadvald (2006), o Grupo Oxford foi fundado em 1860 e, ao mesmo tempo, que se remetia diretamente aos preceitos da igreja, se recusava a ser conceituado como um agrupamento religioso. Segundo Fainzang (2007), o fundador do primeiro grupo de AA inspirou-se na filosofia do Grupo Oxford, uma doutrina

---

<sup>19</sup> Detalhes da história do surgimento dos Alcoólicos Anônimos nos Estados Unidos, consultar o sítio oficial <http://www.aa.org/lang/en/subpage.cfm?page=283>.

<sup>20</sup> De acordo com o sítio oficial da irmandade: [http://www.aa.org/lang/en/aa\\_international.cfm?origpage=31](http://www.aa.org/lang/en/aa_international.cfm?origpage=31).

<sup>21</sup> De acordo com Tadvald (2006), em 1965 foi o surgimento do primeiro grupo no Brasil de Al-Anon.

espiritual de compartilhamento do que entendiam ser os seus defeitos, e a reparação do suposto mal cometido.

#### 2.1.1.1 A HISTÓRIA DOS NA

Sobre a história do NA, que é objeto mais específico do presente trabalho, Loeck (2010) afirma que foi fundado na década de 1950, como um grupo autônomo, em Los Angeles, EUA. Nos anos 1960, é fixado o primeiro grupo de NA, em uma igreja, na mesma cidade. Expande-se na década de 1970, com a inauguração do primeiro Escritório Mundial de Serviços. Em 1981 o primeiro grupo de NA estabeleceu-se no Brasil<sup>23</sup>. Sobre o surgimento do grupo de Nar-Anon, segundo a literatura da irmandade, a primeira reunião ocorreu na cidade de Studio, Califórnia e foi composta por membros do Al-Anon e algumas mulheres de NA. No Brasil, em 1979 ocorreu a primeira reunião de um grupo em São Paulo e logo se expandiu para outras cidades do país.

Loeck (2009, 2010) aponta que a criação de Narcóticos Anônimos está relacionada com características próprias de um consumo específico de substâncias, excetuando-se o álcool. Esse autor afirma que a história de Narcóticos Anônimos está relacionada com a de Alcoólicos Anônimos, a partir de quando um membro de AA sugere que o modelo dos 12 Passos podem ser aplicados também para pessoas que se considerem dependentes de outras substâncias<sup>24</sup>. Isso teria acontecido em uma reunião no Hospital de Lexington, Estado de Kentucky, por meio de uma conversa de um dos membros com um médico desse hospital. Segundo o autor (2010), nesse Hospital, ocorreu em 1947, a aplicação o modelo terapêutico adaptado do AA baseado nos 12 passos na parte do Hospital chamada de “U. S. Public Health Service Hospital”, mas desde 1933, tal hospital se localizava numa prisão federal chamada “Lexington Kentucky Federal Prison”, na cidade de Lexington. A instalação do hospital na prisão deveu-se a uma ação do governo norte-americano em relação ao grande número dos chamados “usuários” de “substâncias psicoativas”.

---

<sup>23</sup> Ver o sítio da irmandade: [http://www.na.org.br/sobre\\_a\\_na/historia-de-narcoticos-anonimos](http://www.na.org.br/sobre_a_na/historia-de-narcoticos-anonimos).

### 2.1.1.2 A DIMENSÃO ESPIRITUAL DOS GRUPOS

A história de AA é relevante para o presente trabalho não apenas pelo pioneirismo do modelo, mas porque contextualiza duas características particularmente importantes para esta pesquisa sobre os Narcóticos Anônimos - NA e Nar-Anon. A primeira é o fato de ter sido concebida e de se manter, até os dias atuais, como uma irmandade e a segunda é que essa irmandade se faz em uma dimensão espiritual: o Programa de Recuperação e o Poder superior<sup>25</sup>.

A dimensão espiritual, principalmente o Poder superior, é particularmente importante para a recuperação, tendo em vista que o Poder superior orienta a reorganização da vida, uma vez que fundamenta os 12 Passos. O Poder superior consolida o Programa de Recuperação, e esse último constitui a moralidade de NA. De acordo com a 2ª Tradição, as decisões dos membros são expressões da vontade de um “deus”; os membros exercem serviços, não controle nas irmandades: “Para nosso propósito comum existe apenas uma única autoridade – um Deus amoroso que pode se expressar na nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança, eles não governam”.

A força do Poder superior é clara no 2º Passo: “Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade”; e no 3º: “Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós o compreendíamos”. O Poder superior também está presente no 6º e 7º Passos: “Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter; Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos”.

O Poder superior se fundamenta no 11º Passo: “Procuramos, através de prece e meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade”.

Os 12 Passos, como princípios do Programa de Recuperação, de acordo com Loeck (2009), representam o elemento mais importante da recuperação e indicam as atividades que devem ser praticadas individualmente. Os Passos tratam da adicção como impotência, do Poder superior, da reparação e da transmissão da mensagem.

---

<sup>25</sup> Marcelo Tadvald na dissertação de mestrado “Serenos, corajosos e sábios: a plataforma terapêutica dos Alcoólicos Anônimos e seus participantes através de um olhar antropológico” aponta a concepção êmica dos grupos de Alcoólicos Anônimos sobre o Poder superior.

As 12 Tradições, são consideradas sugestões e diretrizes para a manutenção da irmandade, orientam as relações entre os grupos da mesma irmandade e as relações entre Nar-Anon e NA. Elas recomendam atitudes em relação à liderança, afiliação, dinheiro, propriedade, relações públicas e anonimato. Loeck (2009) afirma que as Tradições são a sustentação da coletividade.

O Poder superior é presente em mais da metade dos Passos de ambas as irmandades e inúmeras vezes é tratado nas irmandades dos membros de NA, principalmente na forma de agradecimentos pela recuperação. Referem-se ao Poder superior como um “deus”, mas não no sentido de alguma religião específica: Este “deus” pode ser o próprio grupo reunido (estar representado por ele) ou algo presente nas reuniões e nas irmandades. De acordo com os Passos, a crença, a entrega, a admissão, a confiança e o contato com esse “deus” evidenciam a dimensão espiritual da irmandade já que o Poder superior orienta para uma reorganização da vida. Orienta, pois localiza um sofrimento em um passado e/ou presente, proporcionando alívio aos membros em contexto de adicção.

O Poder superior se faz presente na recuperação de todos os membros de NA, uma vez que de acordo com os Passos relatados acima, é preciso haver crença, entrega, admissão a esse Poder. Quando isso não acontece – segundo me foi explicado por um participante de NA - o membro pode ter constantes recaídas, uma vez que tem dificuldade em conceber o seu Poder superior. Como referiu um participante, o Poder superior é algo que se pode “sentir” e com quem se pode conversar.

O Poder superior se mostrou, nos grupos estudados, como a leitura do momento presente, quando os membros já fazem parte das irmandades, com relação a um momento anterior ao ingresso nos grupos. Exemplo disso encontrei na fala de um membro de NA, que afirmou ser devido ao seu Poder superior que conseguiu sair de uma situação em que estavam presentes policiais e que poderia se complicar diante do consumo de drogas. Outro relato foi uma partilha anônima<sup>26</sup>, escrita em uma das literaturas do grupo de Nar-Anon, onde um membro afirma que a irmandade foi uma benção de seu Poder superior.

## 2.2 OUTROS MODELOS DE TRATAMENTO E SUAS SOBREPOSIÇÕES

---

<sup>26</sup> Essa partilha anônima foi retirada do livro, “As Doze Tradições do Nar-Anon”, p. 16, 2010.

Como já referido, a recuperação em NA é uma forma, entre várias possibilidades que as pessoas lançam mão, para lidar com uma situação problemática com as chamadas substâncias psicoativas e ela pode ocorrer conjuntamente com essas outras possibilidades. Os dados de pesquisa demonstraram sobreposições de formas de tratamento, evidenciadas pelo fato de alguns adictos consultarem médico psiquiatra e/ou psicólogo, ou mesmo por realizarem a participação simultânea em outros grupos de ajuda mútua, como os Alcoólicos Anônimos (AA), entre outros, e/ou ainda, fazerem uso de medicamentos controlados para este fim.

A irmandade não faz recomendações e os participantes de ambos os grupos não opinam sobre outros programas de recuperação utilizando os nomes dos grupos em que estão associados. De acordo com a 10ª Tradição, “Narcóticos Anônimos não têm opinião sobre questões alheias; portanto o nome de NA nunca deverá aparecer em controvérsias públicas”.

A *sobreposição e o não isolamento*, segundo Loeck (2010), na “configuração heterogênea das redes terapêuticas” (p. 2) “se apresenta no próprio contexto da história inicial de Narcóticos Anônimos imbricada com essas outras instâncias” (p. 5). A sobreposição de tratamentos pode ser entendida como a relação entre alternativas chamadas de “outros artifícios” e as chamadas “terapias oficiais” (idem, 2010), como formas diversas de lidar com uma relação problemática com as chamadas substâncias psicoativas.

Refiro-me, ainda, ao trabalho de Ribeiro (1999), que realizou um estudo em Porto Alegre/RS, sobre “instituições”, “práticas” ou “sistemas”, ou seja, diferentes propostas de tratamento e de cura especializadas na terapêutica do que ele chama de “dependentes”. Os locais da pesquisa etnográfica do autor foram: (1) o Centro de Dependente Químico do Hospital Parque Belém (Cdquim), de orientação científica “comportamental-cognitivista”, (2) o Centro de Recuperação Vita (CRV), identificada pelo autor como sendo de orientação religiosa, e, por fim, (3) a Comunidade Terapêutica da Cruz Vermelha (Cote), de orientação psicanalítica.

Apono para esse trabalho porque, segundo o autor, essas três práticas não se apresentam como complementares ou conciliáveis, mas como possibilidade de “reestruturar as relações sociais dos indivíduos” (p. 252). Todas elas implicam na “adesão a um sistema de valores ou a uma ressignificação das experiências individuais” (p. 230). Porém, em meu estudo entendo que os dois grupos estudados acionam ambos os pontos salientados pelo autor, ou seja, tanto uma adesão a um sistema de valores como também uma ressignificação das

experiências anteriores. Primeiramente, quando os membros aderem aos princípios da irmandade, mas também da forma como a moralidade da irmandade se desdobra em suas ações, visto que essa moralidade orienta e indica uma série de ações que norteiam a recuperação do membro.

Porém, nem todas as pessoas de uma mesma instituição aderem totalmente aos seus pressupostos, como é percebido em Ribeiro (1999), quando fala em “recuperandos”, “clientes” e “pacientes”, referindo-se respectivamente a CRV, Cote e Cdquim. Segundo Tadvald (2006), existem diferentes formas das pessoas que afirmam ter problemas em sua relação com o álcool de lidar, de “seguir” o modelo terapêutico de AA.

No mesmo sentido, o presente trabalho demonstrou que nem todos os membros de NA aderem da mesma forma à moralidade da irmandade, visto que a recuperação é a própria de cada membro no sentido de que se relaciona com suas histórias pessoais. Loeck (2010) afirma que nas reuniões dos grupos de NA, a “convergência de perspectivas pode levar a pensar em uma homogeneidade, mas as trajetórias sociais assim, como os seus agenciamentos, mostram a diversidade dos indivíduos” (p. 6).

Uma vez ingressos nos grupos, alguns membros relatam experiências diversas de tratamentos anteriores. Nesse sentido, Tadvald (2006) afirma que seus interlocutores já tinham experiência com algum tratamento biomédico anterior. Loeck (2010) também afirma que muitos participantes de NA haviam experienciado outras terapias antes de ingressarem no grupo. Este autor relata a existência de clínicas de desintoxicação que introduzem a ajuda mútua após o período de desintoxicação e mesmo de médicos que sugerem a participação em grupos de ajuda mútua.

### 3. ADICÇÃO, “PERTURBAÇÃO” E SOFRIMENTO

Entendo adicção e adicto como termos próprios para grupos de NA e de Nar-Anon. Tais termos são referidos respectivamente como doença e doente pelos membros dos próprios grupos. Ambos os termos indicam uma “perturbação” no sentido “físico-moral”<sup>27</sup> conforme expresso no trabalho de Duarte (1986), conectando a fisicalidade com a moralidade.

Neste trabalho refiro-me à moralidade como algo constitutivo da pessoa; são comportamentos orientados e sentidos prescritos por uma certa moral. São princípios inconscientes de ação, determinam o que pode e o que não pode, o que é certo e o que não é. A adicção tem um sentido moral porque os adictos são sujeitos morais, ou seja, são sujeitos que seguem um conjunto de prescrições que conformam atitudes, comportamentos sobre a sua recuperação e a sua adicção cotidianamente. Eles se compreendem como tendo uma relação problemática com as chamadas substâncias psicoativas e, assim, seguem um determinado comportamento no tratamento. Tal comportamento é baseado no Programa de Recuperação, em se transmitir a mensagem e em se fazer reparações e também no esclarecimento de recaídas, por exemplo. Compreendo a adicção como uma “perturbação físico-moral” e que dentro dessa “perturbação” algumas pessoas têm sofrimento.

Com base na proposta do autor referido, a adicção pode ser pensada como uma representação físico-moral dos adictos. “Físico”, no sentido de que essa “perturbação” é referida como uma doença de intoxicação e de tratamento de desintoxicação. Ao mesmo tempo, “moral”, uma vez que essa “perturbação” pode ser entendida como condição que aciona um conjunto de valores e de comportamentos que no percurso permanente da recuperação são norteados pela lógica de ajuda mútua dos NAs.

Outra forma de compreender esta condição “físico-moral” é a partir daquilo que foi descrito por um adicto participante de um grupo de NA, como “doença interna” ao se referir à adicção. A situação do adicto mencionado, segundo ele próprio, era a de setenta e cinco dias limpo, referindo-se ao fato de que seu corpo estava “desintoxicado”, como frisou na sua irmandade. Porém, ressaltou que existe uma “doença interna”, mesmo com um corpo físico desintoxicado. Essa “doença interna” significa que é algo que acomete e, em certo sentido,

---

<sup>27</sup> No trabalho de Duarte (1986), o autor utiliza o termo “nervoso” como representação “físico-moral” da “pessoa” das classes trabalhadoras urbanas. Este é um campo próprio de significação, uma categoria de foco analítico localizada, uma representação que tem a sua própria história. Este autor, em trabalho de 2003, define “perturbações físico-morais” como situações consideradas irregulares que envolvem pelos sujeitos sociais, a corporalidade e a moral. É neste sentido que analiso o sistema adicção - recuperação em NA. Afirmando que uma “perturbação” não é exclusivamente “moral”.

abarca a sua pessoa. Se a desintoxicação se apresenta como um *estado*, a “doença interna” lhe afeta como uma condição moral. Através do depoimento e do contexto que o adicto se refere é possível compreender que a “doença interna” vai além do senso comum de situar-se no interior de um corpo físico. Tampouco implica especificamente uma dicotomia interno-externo, no sentido mais convencional do termo. A “doença interna” tem um sentido englobante e diz respeito à pessoa como um todo e sua relação com as chamadas substâncias psicoativas.

Outro participante, desta vez do Nar-Anon, também se referiu à adicção em um sentido que interpreto como referida a uma dimensão moral englobante. Este membro apontava para uma não efetividade de clínicas, afirmando que essas se preocupavam apenas com o controle de medicamentos para os adictos. Desse modo, segundo ele, não estavam orientadas para o lado humano e espiritual, isto é, não seguiam um Programa de Recuperação.

Tais clínicas podem ser entendidas como promovendo uma “fiscalização”. De acordo com Alzuguir (2010), afirma em seu estudo que o percurso institucional promove a “fiscalização” do alcoolismo, encobrendo os seus aspectos morais. No caso do presente estudo, em uma conversa informal com um adicto antes do início de uma reunião, a adicção também foi entendida enquanto uma condição abrangente. O membro comentou sobre a mudança drástica de clima na cidade de Porto Alegre e sobre a possibilidade de ficar gripado; o adicto disse que no caso dele ficaria mais “doente” ainda. Compreendo que a gripe como patologia se sobreporia à adicção como “doença” anterior, como uma condição pré-existente.

Nesse sentido, depreendo que a adicção vai além de uma condição de um corpo sadio ou doente no sentido biomédico. Não se trata assim de uma patologia, mas de uma “perturbação”<sup>28</sup> que em alguns casos apresenta marcas físicas<sup>29</sup>. Ao mesmo tempo em que a adicção é referida pelas literaturas dos grupos e pelos membros como dependência química reconhecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS), os tratamentos em clínicas de desintoxicação são percebidos por eles como insuficientes para sua efetiva recuperação.

Depreendo que a fisicalidade como desintoxicação e uso de medicamentos, e as questões morais inscritas nos modelos prescritivos dos grupos, encontram-se entrelaçadas para seus membros. O próprio fato de se tratar de uma “perturbação”, portanto uma condição

---

<sup>28</sup> Ver em Duarte, Luiz Fernando Dias; LEAL, Ondina Fachel (Orgs.). **Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas**, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

<sup>29</sup> Tais marcas físicas serão apresentadas neste capítulo, no item sobre Recaídas.

não localizada, permite que se apresente sob outras formas. Por exemplo, alguns adictos comentam que a adicção de alguém em recuperação migra para outros campos de ação (exemplificando, para a mudança frequente de emprego, para o aumento de peso, para fazer compras ou jogar excessivamente).

Desse modo, a adicção - como “perturbação físico-moral” -, aparece para os adictos e para os familiares dos participantes dos Nar-Anon como um sofrimento, que da mesma forma, por definição, não se restringe a uma doença física ou a uma condição moral, como será visto a seguir.

### 3.1 ADICÇÃO VIVIDA COMO SOFRIMENTO, SEUS CONTEXTOS E SEUS SIGNIFICADOS

A ideia de sofrimento, conforme as reuniões que etnografei, se apresenta de formas diferentes quando se adentra no contexto dos adictos. Nesse sentido vale recuperar a explicação de Farmer (1997) para quem o sofrimento é uma condição que resiste a condições precisas. Neste sentido, segundo Victora (2011) “cabe ao antropólogo adentrar os contextos do sofrimento e explicitar, da forma mais abrangente possível, as dinâmicas da vida encompassadas pelas situações que causam sofrimento” (p.28).

No caso dos adictos, encontrei no trabalho de campo uma série de contextos nos quais o sofrimento se faz presente, e os quais compreendo como parte de uma equação complexa que envolve relações entre o contexto do passado, o contexto do presente e o contexto da mudança. Ressalto que todas as situações relatadas se referem a narrativas presentes, e nesse sentido, o sofrimento que expressam é como uma lembrança particular que é compartilhada nas reuniões abertas dos NA e/ou Nar-Anon. Portanto, pode-se sugerir que fazem parte de um processo sociológico de atualização e construção de uma memória coletiva sobre a adicção. Encontrei os seguintes contextos relatados como de sofrimento:

- (1) O sofrimento se refere inicialmente a uma lembrança positiva do passado que é substituída por uma lembrança negativa desse mesmo passado e isso é narrado na forma de um sofrimento;

(2) O sofrimento se refere ao momento presente que é vivido na própria narrativa da partilha do adicto; trata-se do sofrimento de hoje, de suas características, das condições de suportar e de conviver com ele; e,

(3) O sofrimento que é expresso na narrativa é o vivido em um contexto de transição pelos adictos; o sofrimento aparece como uma dificuldade de encarar e de se adaptar à nova situação, que pode envolver recaídas por parte do adicto ou mesmo na relação com familiares.

### 3.1.1 SOFRIMENTO NO PASSADO: UMA LEMBRANÇA INICIAL POSITIVA

De acordo com o primeiro ponto, o sofrimento que é expresso na narrativa da irmandade, refere-se ao contexto da época da ativa, ao passado. Em relação a isso observei uma narrativa idêntica por parte de dois adictos em reuniões diferentes, referindo-se ao contexto do passado.

Um adicto relatou que a sua lembrança, em um primeiro momento, atrelava uma experiência com as chamadas substâncias psicoativas a alguma coisa positiva. A sua narrativa continua apresentando um questionamento sobre como ainda pode ter uma lembrança inicial positiva da sua experiência com as chamadas substâncias psicoativas, concluindo que **hoje** ele possui as lembranças verdadeiras, são as de sofrimento de uma experiência negativa atrelada a internações, brigas e perdas.

### 3.1.2 SOFRIMENTO NO PRESENTE: CONTEXTOS E SIGNIFICADOS

Em relação ao sofrimento conforme expresso na narrativa da irmandade, referente a um contexto do presente, limpo, têm-se quatro exemplos:

- O primeiro é o relato de uma adicta que falava na sua partilha em “dor” e “sofrimento”, mesmo salientando que estava em “recuperação”, “limpa”. Dizendo saber que é “capaz de trabalhar e de conseguir um emprego com um bom salário” e que “não tem mais condições físicas de usar drogas”.

- A fala de uma outra adicta de que não sentia mais vontade de usar “drogas”, mas que tinha “vontade de usar maconha”. E em outra reunião, essa última adicta afirmava que não vê “mais graça em um mundo sem drogas”.

Em relação aos dois exemplos acima, outros dois adictos se referiram nas suas irmandades às questões das participantes do grupo da seguinte forma: um deles apontou que existe “saída” para esse “sofrimento”, sugerindo que esta seria a continuação da participação da adicta em uma sala de NA. Outro adicto mencionou que o “sofrimento passa”. As partilhas das duas adictas fazem vir à tona o contexto de sofrimento deles, vivido e narrado no presente a partir da ideia de que sim, há uma “saída” e que o “sofrimento passa”.

- Como terceiro exemplo de um sofrimento vivido em um contexto do presente, limpo, expresso em uma partilha, tem-se a situação de um adicto que relata um sentimento de desvalorização na sua vida. Ele fala que atualmente não está mais casado, que mora com os pais e que dorme na sala em um colchonete. Agrega a isso o fato de não fazer nenhuma economia e investir o seu salário em compras que considera supérfluas. Entendo que talvez ele quisesse referir-se ao fato de que estar limpo não significa sair do estado de sofrimento.

- Como último exemplo de sofrimento vivido no presente, se tem uma atualização de sofrimento em todas as reuniões de NA. Essa atualização é expressa por meio da afirmação, “que nenhum adicto morra antes de conhecer uma sala de NA” e também pelo convite (em um momento determinado na reunião) para se pensar conjuntamente no “adicto que ainda sofre”. A atualização se dá ao se pensar que o sofrimento de um adicto (de fora) é também o do outro (de NA).

Com relação a este segundo contexto (presente), vale à pena nos determos um pouco mais nas situações etnografadas para explicar algumas complexidades encontradas nas irmandades quando estas se referem ao tempo presente.

Uma das complexidades diz respeito à duração da partilha, ou seja, ao tempo determinado que cada adicto ou participante tem para falar de si e, no caso em análise, de sua experiência de sofrimento. Ou seja, como explicar e partilhar um sofrimento em um tempo pré-definido?

Para exemplificar essa situação recorro ao seguinte dado de campo: em uma das reuniões uma adicta e os demais membros do grupo receberam uma ficha com um número, que define o ordenamento das partilhas a serem feitas naquela reunião. Este número é aleatoriamente sorteado pelo secretário durante a primeira parte das reuniões. Uma adicta, fazendo sua partilha, que envolvia uma descrição da sua adicção ativa e da sua recuperação, o tempo determinado não se mostrou suficiente para o que ela pensava ser importante relatar naquele dia. Na segunda parte da reunião, com a saída de alguns adictos, abriu-se tempo para

outras partilhas que não aquelas inicialmente sorteadas. Desse modo, essa adicta partilhou novamente, afirmando que precisava “finalizar” a partilha anterior. Nesta sua segunda partilha, a adicta referiu a necessidade de falar novamente em uma mesma reunião, como sendo uma característica de adictos. Esta situação me permitiu compreender duas dimensões do sofrimento no presente.

O primeiro, é que o tempo pré-definido para as irmandades não necessariamente está adequado à extensão e complexidade que a narrativa exige na visão do adicto. Quando isso ocorre, pode-se perguntar até que ponto este tempo pré-definido de fora para dentro, pode até mesmo aumentar o sofrimento de quem está narrando e/ou revivendo um sofrimento na irmandade. Este parece ter sido o caso desta adicta, que esperou para “completar” a sua partilha.

O segundo está na interpretação desta adicta de que a necessidade de uma segunda partilha (para completar a anterior) pode ser uma característica do adicto. Ou seja, um sofrimento que está implicado na definição dela de adicto, já que para ela adicto é alguém que tem a necessidade da partilha, tal necessidade pode ser entendida como uma característica dessa “doença interna”. Ressaltando que nas reuniões de NA, cada adicto partilha uma vez e, somente existindo mais tempo (o que ocorre normalmente na segunda parte da reunião), um adicto que deseja pode partilhar novamente.

Outra complexidade está na relação do ato de partilhar com o 1º Passo. A situação descrita a seguir ocorreu em uma reunião do Nar-Anon. Nessa situação etnografada, foi relatado por alguns familiares de adicto que quando eram recém-ingressos demoraram muitas reuniões para começar a partilhar, pois não se sentiam à vontade. Foi relatado também por tais participantes, que inicialmente não queriam aceitar que seu filho era um adicto, por exemplo, por mais que eles já soubessem ou desconfiassem. Depreende-se com isso que o fato de não partilhar, adivinha da não aceitação citada acima, e assim, de um 1º Passo ainda não trabalhado por tais participantes. Como descrito nesse trabalho, o 1º Passo se refere à admissão da impotência perante o adicto. Depreendo que a possibilidade de partilhar desses participantes novatos no contexto da reunião se apresenta enquanto um sofrimento, uma vez que requer, por exemplo, a aceitação expressa na seguinte frase “sou um Nar-Anon em recuperação”. E assim a possibilidade de partilhar implicava um sofrimento, pois teriam que admitir o 1º Passo enquanto princípio da ajuda mútua, isto é, para eles mesmos e para os

outros participantes. Nesse sentido, muitos sofrimentos são silenciados nas partilhas que não ocorrem.

Muitas vezes os adictos têm as suas fichas sorteadas e iniciam suas partilhas relatando que “pegaram a ficha, mas que tinham pensado em não partilhar”. Entende-se a partir dessa fala, uma recuperação não narrada do adicto, uma vez que um dos princípios fundamentais desse grupo de ajuda mútua é partilhar sobre a recuperação própria, entendendo que todos ali *sofrem* de um mesmo problema, a adicção<sup>30</sup>. Uma recuperação que não é partilhada implica em não proceder a transmissão da mensagem, um princípio básico neste contexto da ajuda mútua.

Compreendo que não partilhar em NA, isto é, não falar sobre a adicção, passa a ser uma adicção “recolhida”. Para exemplificar tal afirmação, exponho a seguir uma conversa ocorrida a respeito do meu trabalho de pesquisa em um intervalo de uma reunião de NA: Uma adicta estava perguntando a respeito do meu trabalho, quando um adicto de muito tempo limpo afirmou que era muito importante ela perguntar sobre o que eu pesquisava porque senão, segundo ele eu poderia ficar com as “coisas guardadas”, “recolhidas”, uma vez que não foram faladas.

### 3.1.3 SOFRIMENTO NO CONTEXTO DE TRANSFORMAÇÃO: “TIRAR OS ÓCULOS ROSA”

Sobre o terceiro contexto em que se expressa o sofrimento, ou seja, aquele que ocorre na narrativa e é vivido em um contexto de transformação de significados pelo adicto, têm-se dois exemplos. Um deles é o relato de uma adicta em que o contexto de transformação dela é expresso pela expressão “tirar os óculos rosa”, termo que falou várias vezes durante a sua partilha. O mesmo termo foi usado por outra adicta na mesma reunião, afirmando que ela mesma não tinha tirado os óculos e que tinha dificuldade em fazer isso. Depreende-se desse termo a necessidade de trocar as “lentes” através da qual se vê o mundo. E há dor e sofrimento nessa troca.

Outro contexto de transformação de significados, que implica também em sofrimento, foi observado na narrativa de uma adicta cujo pai não é membro de nenhum dos dois grupos estudados. A adicta relata em sua partilha que seu pai, sabendo de sua recaída, perguntava

---

<sup>30</sup> Porém, como já foi visto anteriormente, muitos adictos afirmam não partilhar, pois consideram tão ou mais importante do que falar, ouvir a partilha do outro. Nesta visão, essa última não deixa de ser um pouco da história do adicto que a escuta.

para ela “e agora?”, como se a sua recuperação até o momento não tivesse adiantado, ou como se isso não pudesse ter acontecido. A filha relatava que o pai não entendia a recuperação e a recaída da mesma forma que ela. A narrativa da adicta demonstrou que ela viveu esta situação como um sofrimento, indicando que o seu pai não havia conseguido compreender que do ponto de vista dos NAs a recaída é uma noção êmica e está contemplada no processo de recuperação; e que ele, por não ser um participante, não havia feito a transformação do significado de uma experiência problemática com as chamadas substâncias psicoativas para o da adicção em recuperação.

### 3.2 SOFRIMENTO POR “RECOLHIMENTO”

Partindo novamente da referência de Duarte (1986), agora mais particularmente sobre o “nervoso”, quando o autor sugere a percepção dos grupos populares estudados sobre o perigo do “recolhimento” de sentimentos e emoções para a caracterização da “doença dos nervos”, encontrei na minha pesquisa de campo um sentido semelhante na relação com a adicção. Para os adictos, por exemplo, a não participação nas reuniões pode ser pensada como um recolhimento da adicção enquanto doença, que pode significar o seu acúmulo interno, diminuindo a possibilidade de saída, e, portanto, de ser tratada em NA. Dessa forma, o não tratar da adicção através da participação<sup>31</sup> em grupos de NA, implica na não adoção dos princípios da ajuda mútua e representam uma adicção descontrolada.

Neste sentido, vale ressaltar que uma adicção descontrolada é uma adicção “liberada”, ou seja distante da possibilidade de recuperação. Isso implica em uma adicção que não é vivida a partir dos preceitos e significados de ajuda mútua de NA. O compartilhamento da recuperação da adicção representa a sua “saída”, ou seja, a sua descontentação. É condição de possibilidade para que haja o seu acolhimento por outro membro, o que é entendido como uma forma terapêutica de alívio ao sofrimento.

Pode parecer paradoxal que uma adicção “liberada” seja, no sentido próprio, uma adicção contida. Mas não se trata de uma contradição, porque dizer que uma adicção precisa “sair”, ser colocada para fora, não quer dizer que ela será “liberada”, ou seja, que a pessoa vai

---

<sup>31</sup> Participação no sentido amplo do termo, envolvendo a organização das reuniões, transmitir a mensagem, partilhar, servir o grupo, entre outras formas. De acordo com a literatura dos grupos, existem várias formas de participação em ambas as irmandades. Em NA, as participações podem ocorrer por meio dos serviços da irmandade, como: levar a mensagem aos adictos em hospitais psiquiátricos, instituições religiosas; informar a sociedade sobre NA em escolas, faculdades, empresas; e pela linha de ajuda, atendendo adictos, familiares.

se livrar da mesma. No contexto do NA, como já comentado anteriormente, as pessoas nunca estarão livres da adicção. A recuperação é um processo permanente vivido cotidianamente e a sua descontenção através das partilhas é um passo fundamental para que possa ser acolhida.

O entendimento de que a não retenção, ou seja, a “saída”, serve como uma forma de alívio do sofrimento está vinculada à importância da transmissão da mensagem, um dos princípios da ajuda mútua dos NAs. É a isso que se refere a 5ª Tradição uma nova maneira de viver, “Cada grupo tem apenas um único propósito primordial – levar a mensagem ao adicto que ainda sofre”. Desse modo, sofrimento e transmissão da mensagem estão mutuamente implicados. Para um membro de NA, alguém passível de receber a mensagem como consta na 5ª Tradição, é um adicto que “ainda não encontrou a sala de NA e está em sofrimento”; também ocorre nos casos de pessoas que se desligaram da irmandade.

### 3.2.1 SOFRIMENTO POR “RECOLHIMENTO”: “LIMPO E LOUCO”

Uma situação observada durante o trabalho de campo pode exemplificar a afirmação anterior. Um membro se referia a um período de desligamento dele da irmandade, como um tempo que estava “limpo e louco”. Esse desligamento de NA, pode ser entendido no sentido exposto acima da Tradição, quando a sua adicção não foi acolhida por nenhuma transmissão da mensagem. O primeiro termo – “limpo” - revela que ele estava distante das chamadas substâncias psicoativas, e o segundo - “louco” - refere ao fato de que estava distante dos NA. A expressão revela que mesmo o adicto estando limpo, ele estava com a sua adicção “recolhida”. Desse modo, ao não ser acolhida por outros adictos, o adicto não participava do processo de recuperação de NA.

## 3.3 PRÁTICAS E PRESCRIÇÕES DE UMA RECUPERAÇÃO

Existe um modelo de re-organização da vida, baseado nos preceitos de NA para os adictos. Tal modelo é prescritivo, constituído, entre outras coisas, pelo Programa de Recuperação dos grupos. Segundo Loeck (2009), o Programa não é apenas de abstinência, mas sim de mudança radical de vida. Isso não significa que todos os adictos interpretem e vivam este modelo de forma idêntica. Neste trabalho este autor afirma que a categoria “membro de NA” abarca trajetórias e visões de mundo não necessariamente homogêneas,

com a preservação de particularidades em meio à incorporação da irmandade. Dessa forma, no trabalho de campo, identifiquei cinco pontos que estão envolvidos na recuperação da adicção. Não são pontos isolados entre si, ao contrário, se vinculam de várias formas. A vivência do Programa de Recuperação possibilita o 12º Passo: “Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes Passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades”.

Por meio da etnografia, essas experiências particulares de um modelo que se pretende como universal, é que podemos compreender a experiência da adicção como específica para cada adicto. Os pontos observados que serão descritos a seguir são: a transmissão da mensagem, a reparação, a procura por recuperação, as recaídas e as acolhidas. A justificativa para o estudo de tais pontos como exemplos de experiências particulares de um modelo universal se deve menos por sua recorrência nas reuniões e mais por entender que tais pontos tematizam uma adicção enquanto recuperação.

### 3.3.1 FORMAS DE TRANSMISSÃO DA MENSAGEM

A transmissão da mensagem é percebida de várias formas nas partilhas dos adictos. Segundo Loeck (2009), ela significa apresentar o melhor de NA para pessoas que estão possivelmente sofrendo dessa doença, pois o seu único propósito é viver uma vida limpa e serena, por meio do ingresso na irmandade. Ela é explicada pelos membros como sendo o seu principal serviço tendo em vista que pode ter como resultado a ampliação e a multiplicação dos NAs.

Este serviço que é uma das Tradições implica a relação entre, no mínimo, dois agentes: um (ou mais) adictos(s) transmissor(es) e outra pessoa, para quem será transmitida a mensagem dos NAs. Este último pode ser um participante em potencial: alguém que tenha uma relação considerada problemática com substâncias psicoativas ou uma pessoa qualquer que se disponha a ouvir a mensagem. A forma como um membro vai transmiti-la pode influenciar em como um membro - ou um potencial membro - vai recebê-la.

Em várias situações etnografadas, observei a tentativa de transmissão da mensagem e percebi que há formas diferentes de fazê-lo. Às vezes há o uso de uma linguagem específica; outras vezes se dá através de esclarecimentos sobre o grupo; ou ainda em situações como

visitas ou conversas nas quais os adictos reconhecem possibilidades de transmitir a mensagem. A seguir relato algumas dessas situações etnografadas:

### 3.3.1.1 TRANSMISSÃO DA MENSAGEM POR MEIO DE UMA LINGUAGEM ESPECÍFICA

Uma forma de transmissão da mensagem que encontrei no trabalho de campo foi a partilha de um adictos, há bastante tempo na condição de limpo, direcionada a um recém-chegado. O objetivo do primeiro era o de tornar os preceitos da irmandade inteligíveis e dotados de sentido para um novato, partindo do pressuposto de que isto seria fundamental para que ele se mantivesse na irmandade.

Para tanto ele utilizou da mesma linguagem<sup>32</sup> desse recém ingresso, uma linguagem formada de exemplos concretos da época da ativa, por exemplo, como cachaça, maconha, a fim de melhorar a eficiência de entendimento para o adicto recém-chegado. A linguagem utilizada é específica para a ocasião de recebimento do recém-chegado e o membro de mais tempo limpo faz este uso quando busca “atingir” o primeiro.

Cabe ressaltar que mesmo essa linguagem sendo usada nessa ocasião, o adicto de mais tempo limpo afirma, em conversa informal, repudiar conteúdos de partilhas baseados em termos da ativa e recorrentemente é pedido pelo secretário, no início de cada reunião, para que não se fale sobre e não se porte “drogas”. Ao mesmo tempo, tal adicto diz entender que tais termos fazem parte do processo de aprendizado do ingressante na irmandade e que é comum o novato entender inicialmente como importante falar da ativa dessa forma.

### 3.3.1.2 ADICÇÃO E CURA: UMA TENTATIVA DE TRANSMISSÃO DA MENSAGEM

Para explicar tal afirmação refiro-me a um dado de campo do grupo de familiares e amigos de adictos. Uma interlocutora desta pesquisa relatou certa vez, que uma possível participante obteve a informação a partir de outro membro de que a adicção não tem cura. Para esta última aquilo não fez sentido porque, se não tem cura, de que adiantaria frequentar aquelas reuniões? A interlocutora me relatou que compreendia a reação de surpresa da possível participante já que desconhecia que a ênfase de Nar-Anon não está na cura. Nesse

<sup>32</sup> Porém, mesmo tais termos sendo utilizados na situação relatada acima para a transmissão da mensagem, isso não exclui a ocorrência de partilhas ou conversas de adictos de mais tempo limpo sem essa mesma finalidade.

sentido a transmissão da mensagem inclui também explicitar que o sistema adicção-recuperação não corresponde ao sistema doença-cura. Ou seja, adicção-recuperação não é sinônimo do que se pensa como uma definição de doença-cura.

#### 3.3.1.3 ENTREVISTA COMO TRANSMISSÃO DA MENSAGEM

A transmissão da mensagem pôde ser percebida em uma entrevista para esse estudo, qual seja, em uma conversa entre mim e uma adicta. Nessa ocasião a adicta entrevistada relatou que esperava que o trabalho pudesse alcançar algum lugar, “atingir”, de alguma forma, algum “adicto que ainda sofre”. Nesse sentido depreendo que para ela o presente trabalho e eu mesma fomos vistos como potenciais para uma transmissão da mensagem.

#### 3.3.1.4 “MILAGRE” DE NA COMO TRANSMISSÃO DA MENSAGEM

A transmissão da mensagem não ocorre apenas em espaços de reuniões de NA, essas outras instituições podem ser instituições hospitalares que não estão ligadas com a irmandade. Em uma partilha, uma adicta relatou que estava em uma instituição fazendo a transmissão da mensagem e fora indagada sobre qual seria o “milagre” de NA. Ela relatou que inicialmente ficou em dúvida, mas que depois respondeu que era estar viva. Ou seja, o “milagre” produzido no contexto de NA para ela, era manter as pessoas vivas.

#### 3.3.1.5 A TRANSMISSÃO DA MENSAGEM EM SITUAÇÕES DO COTIDIANO

Uma outra forma de transmissão da mensagem ocorreu durante em uma situação do cotidiano do trabalho profissional de um adictos. Ele relatou que no seu local de trabalho apareceu um homem, descalço, pedindo duas passagens de ônibus para voltar para casa. O adicto partilhou isso em uma reunião, comentando que ficou emocionado e que, mesmo já compreendendo que era a adicção, perguntou para o homem o que tinha acontecido. De acordo com o adicto, o homem lhe respondeu que eram as drogas. O participante relatou que indagou, ainda, se aquele homem queria parar de usar; o homem confirmara que sim, que não aguentava mais e que tinha um filho pequeno. O participante entregou o dinheiro das

passagens e o folheto das listas das reuniões do grupo de Narcóticos Anônimos, disse que esperava vê-lo nas reuniões.

### 3.3.2 REPARAÇÃO: OUTRA TRANSMISSÃO DA MENSAGEM

Segundo Loeck (2009), a reparação está relacionada com a reflexão sobre erros do passado que podem ter prejudicado outras pessoas e pode ser a parte da recuperação mais dolorosa para os adictos. Ela pode estar relacionada com o 4º Passo, “Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos”, com o 10º Passo, “Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente”, e com o 5º Passo, “Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas”. Uma vez que a partir desse inventário e da admissão, se faz reparações.

Pelo 8º e 9º Passos é que a reparação se concretiza, “Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas”; “Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras”.

A reparação não ocorre no presente apenas em relação à época dita da ativa. Ela ocorre no presente em relação à recuperação. Nessa última, ocorre não por erros da ativa, mas por comportamentos ditos como próprios da adicção. A reparação e o sofrimento estão também implicados um no outro, uma vez que só se repara por aquilo que se entende ter gerado algum *sofrimento*. Também a reparação está dotada da moralidade de NA, uma vez que se repara porque se está orientado para uma re-organização da vida em uma forma específica, ou seja, uma re-organização pautada pelos princípios de NA. Dessa forma, são reparações morais, visto que imbuídas dos princípios da irmandade.

### 3.3.2.1 REPARAÇÕES NO PRESENTE EM RELAÇÃO AO PASSADO (ATIVA)

Encontrei diversos relatos nas partilhas em relação à reparação da época da ativa. Desde o pedido de desculpas por alguma palavra dita, como também a entrega de dinheiro para alguma pessoa na qual se entenda que houve uma falta neste sentido, por parte do adicto. Sobre esse segundo caso, um adicto partilhou que entrega frequentemente um valor em dinheiro para a sua mãe e sobre a surpresa da sua irmã quando percebeu essa atitude. Esse exemplo revela que o adicto entende a sua reparação com a mãe, não como um evento, mas como uma constante.

Outro exemplo de reparação em relação à época da ativa, também entendido como um processo nunca finalizado pelo adicto, é o caso de um participante que partilhou que hoje “faz tudo por seus pais” e que mesmo assim “é pouco”. Relatou que o seu pai chegou a comentar que ele estava “puxando saco” e que ele explicou para os pais que não era isso. O seu relato exemplifica a sua constante reparação por erros do passado.

### 3.3.2.2 REPARAÇÕES POR COMPORTAMENTOS DITOS PRÓPRIOS DE ADICTOS

A reparação em relação a erros do presente é entendida como vinculada a comportamentos ditos próprios de adictos. Nesse sentido, um adicto relatou uma situação em que foi autoritário na maneira de falar com sua esposa, o que a esposa teria classificado como uma forma “pretensiosa” de falar. O adicto afirmou que por mais que estivesse limpo, desintoxicado, tinha uma “doença interna” e a pretensão seria um comportamento de adictos. Desse modo, relatou que durante todo aquele dia tentou se reconciliar com a esposa, compreendendo as tentativas de reconciliação como uma reparação de um erro do presente, quando ele não estava mais na ativa, mas que se referia à sua condição de adictos.

### 3.3.3 SOFRIMENTO COMO MOTIVO PARA PROCURA PELA RECUPERAÇÃO

Ainda sobre práticas e prescrições de uma recuperação, a procura pela recuperação é uma situação recontada sempre no presente em relação ao passado. Recontam-se momentos que se tornaram marcantes. Como membro de NA, é necessária, enquanto prescrição, a identificação desse momento, sendo que muitos são relatados dentro de um contexto de

*sofrimento*. Por meio da exploração de dados de campo, entendo que a procura por recuperação, está ligada com a 3ª Tradição: “O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar”.

Descrevo a seguir algumas situações e contextos identificados pelos adictos, tal como aquelas que lhes motivaram à procura por recuperação:

Uma entrevistada relatou que a sua relação com as chamadas substâncias psicoativas estava insustentável, porque, segundo ela, não tinha restrição para conseguir mais drogas, pois era acompanhada de um homem tinha muita facilidade em ter acesso a elas. Insustentável também porque os estudos e o trabalho não estavam indo bem, porque segundo ela, “não tinha mais graça”, pois iniciava e terminava “com dor”. Dessa forma, a procura por recuperação dela ocorreu quando essa participante entendeu como insustentável a sua relação com as chamadas substâncias psicoativas e procurou ajuda. Por meio de uma consulta psiquiátrica conheceu grupos de Narcóticos Anônimos.

Um adicto relatou detalhes da sua última recaída, quando quase bebeu água de uma poça na rua. A procura por recuperação desse adicto ocorreu no contexto de uma recaída, motivando-o a retornar aos NA.

Outro adicto refere que a busca pela recuperação se deu no contexto da “última chance” dada pela sua esposa. Ele interpretou nisso o seu momento limite e, desse modo, iniciou a sua participação em NA.

Ainda outro exemplo, nesse mesmo sentido, foi o de um membro que partilhou como conheceu NA. Iniciou relatando que após um final de semana inteiro usando drogas, ele acordou na tarde de uma segunda-feira e saiu caminhando pela cidade. Encontrou uma “casa espírita”, na qual foi muito bem recebido por uma senhora que o abraçou e lhe disse que ele era um médium.

#### 3.3.4 POSSIBILIDADES DE RECAÍDAS

De acordo com Alzuguir (2010), a recaída, termo utilizado para os alcoolistas que retornaram a beber, refere-se a uma imagem de cair no chão novamente. Nesse mesmo sentido, de acordo com Loeck (2009), recaída significa um retorno, mesmo que eventual, para aquele que está em abstinência, ao uso de psicoativos. O autor sugere que independente das recaídas, a importância parece estar em se viver à recuperação. Segundo ele, ela pode representar um novo começo ou uma ruína do processo. Aponta, ainda, que a recaída é vista

como a prova de que a adicção é incurável e de alguma reserva do membro quanto ao Programa de Recuperação. Reserva no contexto de NA significa uma não adesão, mesmo que temporária, aos preceitos da irmandade. As reservas diante do Programa podem ocorrer, por exemplo, em relação ao Poder superior, e/ou ao Livro Azul da irmandade, e/ou ao estudo dos 12 Passos.

Os dados de campo do presente trabalho revelaram sentidos amplos para o significado de recaídas. Por exemplo, a ingestão de bebidas alcoólicas de um adicto, relatada por sua mãe em Nar-Anon, como comum e presente na recuperação do membro. E a brincadeira de um membro de NA de ter se preocupado com a ingestão de um enxágue bucal no momento do seu bochecho.

As recaídas podem estar relacionadas com marcas físicas, com um distanciamento de NA; pode estar presente entre companheiros adictos por meio de alguma reserva.

#### 3.3.4.1 A RELAÇÃO DE RECAÍDAS COM MARCAS FÍSICAS NO CORPO

No caso das marcas físicas, observei em duas partilhas, nas quais os membros se referiam a elas como existentes no presente, ou seja, enquanto limpos, mas que foram construídas no passado, em recaídas. Ambas, segundo os participantes, não os deixam esquecer a condição de adictos. Uma delas se referia a um problema no pé que um membro dizia ter e a outra em relação a um braço quebrado.

#### 3.3.4.2 RECAÍDAS COM UM DISTANCIAMENTO DE NA

Outro entendimento das recaídas pode ser visto na interpretação de alguns membros de que isso pode ocorrer quando há um distanciamento do adicto do NA, ou seja, o adicto deixou de se envolver com a irmandade e encontra-se desmotivado para participação. Isso foi relatado por uma familiar de adicto em Nar-Anon, que relacionou a participação em NA com o estar limpo do filho.

#### 3.3.4.3 A RECAÍDA ENTRE COMPANHEIROS ADICTOS

Quando cônjuges adictos estão em recuperação, um deles pode recair, por exemplo, por alguma reserva em relação ao Programa de Recuperação e o outro também. Por exemplo, uma participante relatou que estava “limpa” e vivendo a sua recuperação. Porém, o seu parceiro ainda não tinha se “entregado totalmente ao Programa”, isto é, tinha reservas com o Programa de Recuperação. Dessa forma, ele recaiu, e ela também.

### 3.3.5 RODADAS DE ACOLHIDAS

A acolhida ocorre em todas as reuniões da irmandade de Nar-Anon. Qualquer membro do grupo pode realizar a acolhida, o que significa receber as pessoas que vão pela primeira vez em uma reunião. Essas pessoas são familiares e amigos de adictos, visitantes e pesquisadores (no caso de reuniões abertas). A duração da acolhida é variável, podendo ser de poucos minutos iniciais até toda uma metade de uma reunião.

Alguns membros partilharam que as funções do acolhedor são a de explicar o funcionamento de uma reunião, tirar dúvidas dos novatos, preparar as pessoas para a reunião e ensinar o que se espera de uma reunião. Este pode também contar sobre a sua experiência pessoal, se referindo ao adicto familiar e/ou amigo. Isso aconteceu na acolhida que participei. O acolhedor apontou que muitas vezes ouviu dos novatos que eles queriam mudar os adictos. Nesse ponto, segundo ele, reside o maior erro, porque ao adicto não cabe “mudar”, “só amá-lo”.

Refiro-me a rodadas de acolhidas, no plural, já que pode ocorrer mais de uma acolhida em uma mesma reunião, para pessoas diferentes, uma vez que as acolhidas acontecem conforme chegam novas pessoas na irmandade. Após o momento da acolhida, as pessoas se dirigem para a sala da reunião propriamente dita. Onde são apresentadas pelo acolhedor aos presentes, por meio do seu primeiro nome.

Algumas pessoas de Nar-Anon são identificadas como resultados de acolhidas bem feitas, uma vez que se tornaram membros e que participam da irmandade. A acolhida bem sucedida depende da posição do novato em reconhecê-la dessa forma. Desse modo, uma acolhida bem feita não depende apenas do acolhedor, mas também do recém-chegado.

A compreensão da acolhida ultrapassa os momentos descritos acima. Refiro-me a uma acolhida que me possibilitou a realização desse trabalho no grupo de Nar-Anon. Como o que ocorreu na minha quarta reunião no grupo, quando fui acolhida pela interlocutora, por meio,

por exemplo, da sua fala de que eu poderia ficar durante toda aquela reunião, isto é, estaria presente também nos depoimentos que ocorreriam a partir do intervalo.

Outra compreensão de acolhida implica em acolhidas fora de reuniões de Nar-Anon, ou seja, implica em acolher o seu adicto familiar e/ou amigo, como foi relatado em uma reunião da irmandade. Para tanto é necessário um comportamento do familiar, abarcando uma das prescrições implícitas da moralidade do grupo, que é o saber “dar limites”.

## 4. ADICÇÃO, PARENTESCO E OUTRAS REDES DE RELAÇÕES

Na perspectiva da Antropologia contemporânea, o parentesco não se refere apenas a relações biológicas, tampouco requer o compartilhamento objetivo de alguma substância corporal, como sangue ou genes. Assim está descrito na introdução do livro *Kinship and Family an Anthropological Reader*, de Parkin & Stone (2004), que apontam para a dimensão social do parentesco e para o seu caráter contextual. O parentesco não é uma estrutura fixa de relações, e sim, um processo de tornar-se e fazer-se parente ou família, no sentido do que tem sido referido na literatura anglo saxônica como *relatedness*.

Este termo, que tem sido traduzido para o português como “conectividade” (FONSECA, 2006; MCCALLUM E BUSTAMANTE, 2012) ou “conexão” (FONSECA, 2003) tem sido preferido por Carsten (2000, 2001, 2004) ao termo *kinship* – parentesco - que remete aos estudos de parentesco mais tradicionais na antropologia clássica<sup>33</sup>. Esta concepção de parentesco no sentido ampliado tem sido a marca dos estudos que atentam para as variações culturais das formas de aparentar-se. Este debate tem como pano de fundo a discussão sobre como se deu a construção do conhecimento no Ocidente, profundamente ancorado na dicotomia natureza-cultura e suas implicações nas maneiras de compreender os aspectos biológicos ou sociais do parentesco na história da antropologia (CARSTEN, 2000).

Carsten (2000) sugere, nesse sentido, que os estudos atuais sobre parentesco na antropologia conjugam duas tendências:

Uma tendência envolve a investigação não apenas do parentesco [*kinship*], mas da “natureza” e das práticas mais abrangentes de conhecimento no Ocidente. A outra, assumindo uma visão ampla e imaginativa do que pode se incluído sob a rubrica “parentesco” [*kinship*], descreve as peculiaridades das “formas de conectividade” [*being related*] num contexto cultural específico.” (P. 04, tradução própria, inserções da pesquisadora em colchetes).

No presente estudo encontrei alguns sentidos atribuídos à “conectividade”, ou seja, a formas de aparentar-se que sugiro sejam também pensadas como relacionadas a este campo de estudos. São, por assim dizer, “conexões”, que transcendem a um parentesco do tipo

---

<sup>33</sup> Na introdução da coletânea “Cultures of Relatedness”, organizada por Carsten, a autora se refere aos artigos ali publicados da seguinte maneira: “Rather than beginning with the domain of kinship already marked out, the authors in this volume describe relatedness in terms of indigenous statements and practices – some of which may seem to fall quite outside what anthropologists have conventionally understood as kinship”. (Carsten, 2000, p.13).

consanguíneo pelo seu caráter predominantemente social. É o caso, por exemplo, em NA e Nar-Anon, dos padrinhos/madrinhas e seus (as) afilhados (as), um tipo de relação que envolve apoio e ajuda entre membros, bem como as relações familiares e/ou de amizade entre membros das duas irmandades<sup>34</sup>. Trata-se, no sentido amplo, de redes de relações. Como será descrito adiante neste capítulo, no caso de redes pré-existentes, observa-se que são, muitas vezes, atualizadas no contexto da adicção e da ajuda mútua. Outras redes são formadas dentro das irmandades e se estendem para fora das reuniões de diferentes maneiras.

Tendo isso em vista, o presente capítulo apresenta diferentes “formas de conectividade” no âmbito dos NAs e Nar-Anon, em NA aparecem referenciadas ao contexto de estar limpo, já que em muitos casos essa é a condição que é vista como mediadora de formas de parentesco nas irmandades e a partir delas. Porém, não é para todos os participantes, uma vez que alguns membros estando em recaídas e não cumprindo todas as práticas e as prescrições da irmandade estão inseridos de alguma forma nessas possibilidades de reconfigurações de relações sociais. Em Nar-Anon, a condição de limpo do parente ou amigo adicto, não é a mediadora de relações entre os membros dessa irmandade.

Em outras palavras, estar limpo, ou seja, cumprir com as práticas e as prescrições de NA, referindo-se a práticas que vão além da intoxicação e da desintoxicação do corpo biológico saudável ou doente, insere-se de forma determinante no que os adictos percebem como possibilidades de estabelecimento, reestabelecimento e reconfigurações de vínculos familiares e sociais. Estar limpo é estar comprometido com o Programa de Recuperação, praticando as suas prescrições e com isso poder enfrentar situações de formas diferentes das que se enfrentava quando na ativa. Limpo, portanto, não é algo que se é, mas algo que se está. É uma vivência cotidiana - porque se efetiva, ou não, a cada dia -, e é relacional - porque se constrói em relação e em muitas vezes, em oposição<sup>35</sup> à vivência da ativa -, ou seja, é uma condição cultivada – porque desenvolvida com esforço e determinação.

O estabelecimento, o reestabelecimento e/ou a reconfiguração de relações sociais e de parentesco no contexto dos NAs, evoca uma reflexão inicial relativa ao próprio termo irmandade que por si só já remete, se tomado literalmente, ao âmbito do parentesco. Apesar

---

<sup>34</sup> As duas irmandades são independentes entre si, tanto em relação com a participação dos membros, como em questões financeiras. Ou seja, a participação de uma pessoa em um grupo não está necessariamente ligada com a participação de um familiar/amigo no outro.

<sup>35</sup> Não são todas as vezes que o estar limpo é relacionado em oposição a vivências da ativa, essa última definida de acordo com os preceitos de NA. Um adicto pode, por um lado, continuar convivendo com pessoas da ativa, ou seja, não seguindo os preceitos da irmandade, mas, por outro, se perceber em recuperação, limpo.

disso, observo que os participantes da irmandade não se denominam de *irmãos*, como poder-se-ia imaginar, mas sim de companheiros e que não parece haver intenção ou menção por parte dos adictos de que a irmandade venha a ocupar o lugar de suas famílias (consanguínea ou afins). O que se observa é uma série de vínculos entre a irmandade de NA e aquilo que os membros consideram família, como duas redes de relações relacionadas entre si de formas variadas.

Por exemplo, muitas vezes a participação na rede de relações da irmandade aparece como uma condição para que os adictos consigam conviver com o que consideram como suas famílias. Certa vez em uma reunião de NA, um adicto afirmou que para ele “primeiro existe a irmandade e só depois a família”, explicando que, sem a primeira, não poderia se relacionar nem “estar bem” com a segunda. Esta narrativa se deu no contexto de uma irmandade, na qual ele contou que havia dito isso a seus pais, a fim de lhes explicar o motivo (uma reunião de NA) que o fizera sair de casa em um final de semana, supostamente um tempo de ficar com a família.

Essas relações sociais estabelecidas no âmbito das irmandades têm, assim como descrito nos estudos de parentesco contemporâneos mencionados no início desse capítulo, um caráter relativo e contextual. Relativo, no sentido de que não estão baseadas em nenhuma essência (sangue, genes ou outras substâncias). O que os torna conectados é o fato de todos compartilharem o entendimento de que são adictos e acreditarem nos princípios de NA. Estes dois aspectos propiciam o estabelecimento das diferentes relações abordadas neste capítulo.

No que diz respeito ao caráter contextual, isso se deve ao fato de se atualizarem no contexto das reuniões. Observei, por exemplo, que alguns adictos que se desligam da irmandade, independentemente do motivo, viviam as relações de proximidade com os outros membros de uma forma bem diferente da que viveriam se não estivessem desligados. Isso porque é no contexto das irmandades – embora não exclusivamente – que se expressam e se atualizam os sentidos destas relações. É possível compreender pela observação participante, por exemplo, que os adictos que estiveram afastados por algum tempo da irmandade, ao retornarem ao seu convívio, estão constantemente relembrando e atribuindo significados a momentos do passado na irmandade e com outros membros e, nesse processo, resgatam as relações de proximidade. Da mesma forma, alguns adictos que se desligaram da irmandade são constantemente lembrados pelos que nela permanecem. Esses últimos telefonam, deixam recados no celular e procuram por meio de outros membros obterem notícias dos demais.

Também no contexto das reuniões dos Nar-Anon verifiquei uma série de relações que se estabelecem a partir desta irmandade. Como já referido anteriormente, o Nar-Anon se constrói como uma irmandade de parentes e amigos de adictos, portanto os membros do primeiro são pessoas que já se consideram previamente relacionadas aos membros do segundo, independentemente de terem parentes e/ou amigos membros de NA<sup>36</sup>. Mas embora se possa dizer que a motivação para a existência dos grupos de Nar-Anon seja a adicção de parentes e/ou amigos, os participantes de Nar-Anon também têm uma existência própria, na medida em que estabelecem entre si relações de amizade, de apoio e de proximidade, que vão além da adicção dos outros. Isso ficou evidente para mim quando observei, por exemplo, que os membros se conhecem, pois perguntam sobre trabalhos e horários profissionais uns dos outros e, desta forma, antecipam os motivos e justificam as ausências eventuais daqueles membros que frequentam as reuniões rotineiramente.

A partir dos dados de pesquisa, explorados no decorrer desse capítulo, compreendi que os elementos que fundamentam as duas irmandades – NA e Nar-Anon - são semelhantes, a saber: (1) a adicção; (2) a participação na irmandade; e (3) as “formas de conectividade”. Mas os circuitos percorridos pelos NAs e pelos Nar-Anon são diferentes e, acima de tudo, produzem formas de sociabilidade específicas. Nos NAs o circuito se inicia pela adicção, ou seja, é ao assumir essa condição que eles começam a sua participação na irmandade. Este ingresso desencadeia uma série de conexões. Ou seja, a participação nas irmandades, por sua vez, aciona certas modalidades de relações, dentro e fora das reuniões, consistindo em uma sociabilidade que reforça a moralidade específica dos grupos, como indica o esquema a seguir:

Adicção do indivíduo → Participação nas reuniões → Sociabilidade/ moralidade de NA.

Importa ressaltar que, além das reuniões motivarem a sociabilidade, percebe-se que a própria participação nas reuniões de NA é uma forma de sociabilidade/ moralidade baseada nos princípios da irmandade.

No caso dos Nar-Anon, o circuito se inicia pela adicção de um familiar e/ou amigo, portanto, é a adicção de outra pessoa que motiva o ingresso nesta irmandade. A partir daí, se inicia uma rede de relações e formas de sociabilidade que vão além das motivações iniciais

<sup>36</sup> É comum nas reuniões de Nar-Anon os membros fazerem algum comentário sobre a irmandade de NA, tais como, se o seu parente e/ou amigo é membro ou não de NA. Em NA, apenas uma vez em uma conversa com um membro, ele mencionou o Nar-Anon, já que um parente seu era membro.

que os levam a se reunir dentro da irmandade. Depois do ingresso, a motivação se torna a própria recuperação do membro de Nar-Anon, o que não significa um desligamento de uma motivação para a recuperação do adicto familiar e/ou amigo. Isso indica uma das especificidades desta irmandade em relação ao NA. O esquema a seguir visa ilustrar esta relação:

Adicção do outro → Participação nas reuniões → Sociabilidade em Nar-Anon para além da motivação da adicção do familiar e/ou amigo.

Para utilizar a linguagem do parentesco, pode-se sugerir ainda que no NA, os adictos se conectam (*relate*) pelo compartilhamento de uma mesma condição – a adicção - e a (busca de) recuperação. Ambas as situações, a recuperação em NA e em Nar-Anon, fazem parte de uma produção coletiva de uma moralidade diferente da vivida anteriormente ao ingresso da irmandade<sup>37</sup>. Os Nar-Anon são parentes consanguíneos, afins e amigos de adictos e por se sentirem atingidos pela adicção ingressaram na irmandade. Mas neste convívio estabelecem relações que vão além do espaço das reuniões, se configurando como uma rede de sociabilidade e de solidariedade.

Tais relações são informadas por aquilo que chamo de moralidade de NA e de Nar-Anon, ou seja, práticas e prescrições, explícitas e implícitas nas irmandades, como a definição do problema em comum, e a forma de compreender e experimentar a recuperação.

Um exemplo dessa moralidade em NA, foi observado quando um adicto relatou que tinha pago as contas da sua esposa e que ela tinha ficado surpresa pelo fato de que a situação não havia gerado brigas, o que ocorreria, segundo ele, se ele tivesse na ativa. Compreendo tal exemplo como fazendo parte da moralidade da irmandade, no sentido de que a ocorrência de brigas é associada pelos membros com o período da ativa. Ou seja, encarar as situações corriqueiras com “tranquilidade” e sem “brigas” é indicativo de recuperação, ao mesmo tempo, reforça o afastamento da ativa.

No próximo segmento descrevo diferentes tipos de relações que se estabelecem nestes circuitos, as quais tanto são produzidas *pelo*, como produzem *o*, contexto destes grupos de ajuda mútua.

---

<sup>37</sup> A produção coletiva da moralidade pelos membros existe sobreposta à moralidade de NA. Esta última é os princípios do grupo que se apresentam entre outras formas na literatura da irmandade.

Na perspectiva de NA os próprios adictos se dizem responsáveis por sua recuperação. Mas isso não significa que outras pessoas e outras esferas das suas vidas não estejam no horizonte das suas práticas e concepções no que se refere à recuperação. São principalmente, (a) as relações dentro da irmandade de NA, (b) o estar limpo e as suas relações, (c) a recuperação a partir de Nar-Anon, que são consideradas no que tange a construção e/ou reconstrução de vínculos das trajetórias dos membros enquanto sujeitos.

A condição de limpo pauta a construção e/ou reconstrução dos vínculos e norteia a recuperação em ambas as irmandades, porém de formas diferentes. No NA, o estar limpo aproxima os adictos e mesmo que os membros em recuperação ainda busquem entrar em contato com os adictos que estão na ativa <sup>38</sup>, eles se relacionam, acima de tudo, com as pessoas que estão participando dos grupos. No Nar-Anon, as relações entre os membros se dão independentemente dos seus familiares e/ou amigos estarem limpos ou não. Nesse caso, as relações ocorrem pelo seguimento dos aprendizados da irmandade, e não pelo tempo limpo do adicto familiar.

#### 4.1 RELAÇÕES ENTRE ADICTOS DENTRO DA IRMANDADE DE NA

O estabelecimento de relações, conexões ou vínculos entre os participantes da irmandade de NA, como demonstra o trabalho de campo, podem ser vistas no que denominei de (1) apadrinhamento como parentesco, (2) relações de lazer e de sociabilidade, (3) relações de responsabilidade partilhada entre os membros. Não estou sugerindo que estas relações não se sobreponham em diversas situações, mas para efeito de descrição, tratarei delas separadamente neste capítulo.

##### 4.1.1 APADRINHAMENTO COMO PARENTESCO

O padrinho/madrinha em NA e Nar-Anon, pode telefonar e/ou receber telefonemas do seu afilhado, indicar grupos de reuniões, ouvir o momento de recuperação que o membro está passando, marcar encontros para além de uma reunião. Não presenciei em nenhuma das duas irmandades, o início de uma relação de apadrinhamento, porém, era bastante comum em NA,

---

<sup>38</sup> Presenciei uma tentativa de contato que ocorreu por meio de uma ligação de telefone celular, entre um adicto em recuperação e um outro que estava na ativa, porém, não houve retorno do último.

ouvir alguma partilha ou conversas informais e entrevistas referindo a padrinhos e madrinhas. Em Nar-Anon, o apadrinhamento não foi assunto de partilhas que eu estive presente, porém, foi explicado por alguns membros e em uma entrevista com uma interlocutora sobre essa relação.

É interessante mencionar que muitas vezes, justificando, por exemplo, o fato do padrinho não atender a um telefonema, o adicto se refere ao padrinho como uma pessoa que “também tem seus problemas”. Observa-se que não é uma diferença de tempo limpo entre eles que os coloca na situação de padrinho ou afilhado, ou seja, não é necessário que o padrinho/madrinha esteja há mais tempo limpo, mas sim, requer-se uma experiência anterior de ser padrinho/madrinha. De acordo com uma participante de Nar-Anon, o apadrinhamento em NA é muito valorizado, dessa forma, se uma relação de apadrinhamento não está “funcionando”, as mudanças de padrinhos e madrinhas, não são mal vistas, já que o propósito é que essa relação seja a de apoio para uma recuperação.

Em Nar-Anon, o início de uma relação de apadrinhamento pode dar-se em momentos informais de uma reunião, quando um membro conversando com outro, demonstra interesse em ser afilhado daquele. O futuro padrinho ou madrinha tem liberdade em se comprometer com a relação, ou apresentar justificativas no sentido de que o apadrinhamento pode não ser interessante para ambos. Por exemplo, a pretendente a madrinha é mãe de um adicto e a pretendente a afilhada é namorada desse adicto. Nesse sentido, foi-me explicado que essa relação de apadrinhamento pode sim ocorrer, mas que por se tratar de mãe-filho, no primeiro caso, e de namorada-namorado, no segundo, as questões envolvidas na recuperação são provavelmente de ordem distinta, uma vez que envolvem relações de parentesco diversas. A ajuda possível de ser oferecida pela mãe do filho adicto pode não ser a ajuda adequada a namorada do adicto.

As relações entre padrinhos e afilhados em Nar-Anon, de acordo com uma participante, podem dar-se entre homens e mulheres, porém, ela ressalta que antigamente era sugerido que essas relações ocorressem entre membros do mesmo sexo. Há pessoas em Nar-Anon que não possuem um padrinho/madrinha específicos, sendo que nesses casos várias pessoas do grupo podem desempenhar esta função.

#### 4.1.2 RELAÇÕES DE LAZER E DE SOCIABILIDADE

A aproximação entre os adictos ocorre também através da realização de atividades de lazer conjuntas, tais como viagens, a prática de algum esporte, visitas às casas uns dos outros, e saídas após as reuniões dos grupos. Estes eventos me levam a pensar no tipo de sociabilidade que é produzida pelo compartilhamento da condição de adicção e de recuperação. Não se trata de uma sociabilidade restrita aos membros de NA, mas com certeza, inclui alguns preceitos da irmandade.

Isso ficou claro para mim nas vezes em que participei como convidada de algumas atividades de lazer. Para ilustrar me permito recordar aqui uma vez que após uma reunião fomos a uma churrascaria confraternizar. As conversas nessa ocasião giraram em torno de temas da vida cotidiana encompassados pelos preceitos da irmandade e pelo processo de recuperação. A recuperação, um dos preceitos da irmandade, se mostrou como uma busca constante e inclui uma mudança nas suas formas de comportamento, no que se deve ou não fazer, o que é tão importante ou mais do que uma abstinência. Neste sentido, um dos participantes relatou uma briga que ocorreu no trânsito, entre ele e um motorista de outro veículo, dada quando ele já estava em recuperação. Sobre essa situação, o membro de NA relatou que a sua sensação depois da briga - considerando a briga como um comportamento que não segue os preceitos da irmandade - foi a mesma de um “pós-uso”, uma recaída em relação a uma abstinência. Nesse sentido, a briga não apenas viola o sentido da abstinência, como também os preceitos de recuperação entendidos por aquele membro.

Outra prática de lazer pode ser o esporte em conjunto. Um membro comentou certa vez que havia identificado alguns membros participantes de outros grupos de NA numa pista de *skate* da cidade. Sobre esta ocasião relatou que com mais uns poucos membros poderiam praticar o esporte apenas entre adictos, sugerindo que a sociabilidade entre participantes é vista como positiva. Não apenas como positiva, mas como incentivada pelo Programa de Recuperação.

#### 4.1.3 RELAÇÕES DE RESPONSABILIDADE PARTILHADA

Ainda outro tipo de relação que observei foi o que denominei de responsabilidade partilhada. Isso pode ser percebido, por exemplo, quando todos os membros em uma reunião aberta de NA são responsáveis pela ocorrência e pelo andamento daquela reunião, uma vez que todos os membros servem os grupos de alguma forma. Assim, todos os adictos presentes

podem participar: lendo a literatura da irmandade, fazendo esclarecimentos do princípio do anonimato e do auto-sustento de cada grupo, partilhando, organizando a sala, fazendo o café.

Sobre a leitura da literatura do grupo, me refiro a uma reunião com poucos membros quando a leitura foi compartilhada entre eles. Na ocasião, um deles, após muito tempo de leitura em voz alta e considerando que outro membro estava com dificuldades para ler, indagou para um terceiro, se ele poderia continuar a leitura. Tal membro, prontificando-se, imediatamente assumiu a leitura. Também, em reuniões com poucos membros presentes, eles partilham inúmeras vezes, até se finalizar a reunião.

A responsabilidade partilhada é o fato de todos os membros presentes na reunião, se considerarem responsáveis pelo seu funcionamento e assim, quando for o caso, reassumirem o seu andamento.

## 4.2 A CONDIÇÃO DE LIMPO E AS SUAS RELAÇÕES

Como já mencionado, a condição de limpo pode ser mediadora de relações familiares e profissionais, uma vez que possibilita aos adictos e advém deles mesmos, a partir da moralidade de NA, o estabelecimento de outras relações familiares e profissionais. A condição de limpo também possibilita a compreensão de momentos do presente a partir de um passado, como é o caso da relação de co-dependência, percebida a partir de um relato em NA.

### 4.2.1 A CONDIÇÃO DE LIMPO COMO MEDIADORA DE RELAÇÕES FAMILIARES E PROFISSIONAIS

Como já apontado anteriormente, a condição de limpo é uma prática e uma prescrição de NA e também é mediadora das relações familiares e profissionais envolvendo algum membro. Ou seja, estando comprometido com o Programa de Recuperação, algumas relações que antes poderiam ser marcadas por decepções, desentendimentos, demissões e condições consideradas estressantes, são vividas pelos membros de formas diferentes. Eles atrelam a essa outra forma de viver as relações aos aprendizados que têm na irmandade.

No caso de relações profissionais, um adicto relatou que havia saído do seu emprego, mas que por estar limpo pode ter uma boa conversa com o seu chefe e negociou as condições para o seu retorno ao trabalho. Outro membro ressaltou que passou por um momento complicado com o seu chefe, por ter esquecido de levar um computador, tendo como

consequência o adiamento do contato com alguns clientes e o atraso da realização de alguns projetos. O membro ressaltou que isso gerou uma situação desconfortável no trabalho, mas que ele por estar limpo, soube lidar com o que chamou de “estresse do chefe”.

No caso de relações familiares observei que os adictos referem-se ao tempo da ativa muitas vezes como um tempo de rompimento total ou parcial de relações familiares e ao período de recuperação como marcado pelas tentativas de reconstrução dos vínculos com a família. Uma das evidências de reconstrução destes vínculos pode ser verificado pelo comparecimento de familiares nas reuniões abertas dos NAs. Neste caso, observei que muitos familiares, amigos, namorada, tios, mães e outros membros da família consanguínea ou afim têm lugar de destaque nas narrativas dos adictos. Eles podem comparecer em reuniões abertas. Na reconstrução dos vínculos familiares, mais uma vez a condição de limpo de um adicto adquire importância fundamental. Observei situações em que se reforçou a ideia de que é importante que o adicto não se perceba mais como o causador de um sofrimento para os outros. Certa vez uma adicta, se posicionando de tal forma, afirmou não ser mais “a causadora de sofrimento” da sua avó. Em contrapartida, ela se referia à sua época da ativa, como a de provocação de algum *sofrimento*, quando a sua família sabia sobre suas internações.

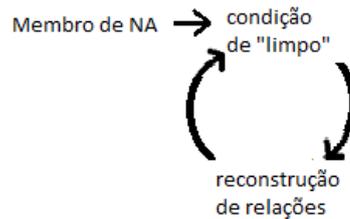
A possibilidade de restabelecer relações familiares é vista também como muito importante para a própria recuperação do adicto. Em uma reunião um membro de NA relatou emocionado que antes do seu pai falecer ele já estava limpo e ambos conviveram um tempo juntos, quando o adicto já estava nessa condição. O adicto se refere a esse tempo de convivência juntos, como importante para a sua recuperação cotidiana.

É importante também observar que a manutenção da condição de limpo aparece nas partilhas como vinculada à convivência como membro de NA. Observa-se assim que, como em um processo de retroalimentação, a condição de limpo é vista como possibilitando a reconstrução de vínculos familiares e profissionais, o que por sua vez ajuda a manter o adicto na condição de limpo. Entretanto, como já referido, a participação no grupo de NA é condição primeira para este processo de convivência<sup>39</sup>.

Como mostra o esquema a seguir:

---

<sup>39</sup> Já aconteceu a participação de um membro de NA, na forma de partilha, em uma condição de não abstinência, não limpo. A condição de limpo indica mais que uma condição de abstinência, uma vez que significa também seguir os preceitos de NA.



A condição de limpo também é associada com a possibilidade de diferentes tipos de convivência, como por exemplo, com uma criança. Este é o caso relatado por um membro que afirma que hoje ele pode conviver com uma criança, mas, reitera que isso só é possível por estar limpo. Colocando o Programa de NA no seu presente, ele diz-se “vivo” para saber lidar nessas situações.

Outro aspecto interessante a ressaltar, é que a condição de limpo também possibilita a inversão do papel de quem recebe apoio para o papel de quem oferece apoio a outros membros da família. Isso ficou evidente quando um membro do grupo, estando em recuperação, relatou que por estar nessa condição, pode prestar qualquer apoio a sua esposa, já que seus familiares moram em local distante.

#### 4.2.2 CO-DEPENDÊNCIA E RECUPERAÇÃO

Além da condição de limpo ser pensada como mediadora de relações, observei ainda que esta condição possibilita um entendimento específico, ou seja, uma interpretação atual de eventos do presente a partir do passado. Por exemplo, numa ocasião uma adicta se referiu a relação familiar de co-dependência<sup>40</sup>. Depreendo que foi o processo de sua recuperação que lhe possibilitou perceber tal relação dessa forma. Este fato me deixou confusa naquele momento, tendo em vista que raramente se utiliza o termo co-dependência nos contextos estudados. Inclusive, de acordo com o sítio da irmandade de Nar-Anon, a co-dependência não seria um termo adequado já que o foco do Nar-Anon deve ser no próprio familiar ou amigo membro da irmandade e não o suposto “dependente” a quem se refere a co-dependência.

<sup>40</sup> De acordo com o sítio da irmandade de Nar-Anon, a co-dependência é um termo utilizado por profissionais e pode confundir a mensagem de recuperação do grupo. Dessa forma, por focar o “dependente químico”, esse termo é evitado nas reuniões. Corroborando com tal informação, em nenhuma reunião de Nar-Anon escutei essa expressão que também não foi recorrente nas reuniões que frequentei em NA. A ausência desse termo revela a recuperação própria dos membros de Nar-Anon como centro das reuniões, já que o adicto desviaria o propósito do grupo.

No seu relato, a adicta em recuperação, que relatou da co-dependência, referiu que a sua mãe reclama do seu quarto, dizendo que ele está muito sujo, mesmo quando a participante já o havia limpadado. Ela afirma que diante da reclamação tem que “ficar quieta”, porque “antes” – referindo-se ao tempo da ativa - ela afirma que “vivia na sujeira”. O sentido da sua fala vai em explicar que a sua mãe ainda percebe o quarto da filha sujo, ou seja, da forma como a filha diz que realmente era quando estava na ativa.

Refletindo sobre este fato compreendo que a partir dos preceitos de NA, o foco da recuperação da adicção, não deve estar apenas no uso ou não de substâncias psicoativas, mas também nos comportamentos dos adictos. Uma vez que o comportamento pré-diz se o membro está limpo ou não. A referência à co-dependência na relação familiar, naquela partilha da adicta, não estava relacionada a uma recuperação de uso ou não de substâncias, mas sim a uma referência de comportamento por parte da adicta que a mãe não tinha ainda percebido que havia mudado.

Nesse sentido, a adicta afirmou que na condição atual de “limpa”, ela percebe que sua mãe é co-dependente. Disse ela: “não posso fazer nada sobre a doença da minha mãe, nem sentir culpa”. Nesse caso, ela entende que a co-dependência é a doença da mãe, é a doença do outro, e não a dela.

A recuperação e a co-dependência, dessa forma, estão vinculadas, uma vez que para algum familiar a recuperação do adicto pode não estar desligada das ditas características da ativa, como o termo sujeira, mencionado anteriormente. A recuperação e a co-dependência também estão vinculadas, quando o familiar pode entender que o adicto em recuperação, independente da sua referência de comportamento – as características da ativa ou os preceitos de NA -, é incapaz de realizar atividades, como a limpeza do quarto.

#### 4.3 RECUPERAÇÃO A PARTIR DE NAR-ANON

A recuperação do familiar e/ou amigos é o propósito das reuniões de Nar-Anon já que, segundo o sítio oficial da irmandade, o familiar se torna doente emocionalmente, deixa de estabelecer limites ao adicto, se sente culpado e, assim, necessita de ajuda.

Pode-se perceber que se trata de um processo centrado na troca de experiências que coloca em questão a realização de mudanças nas suas vidas e nas suas formas de se posicionarem diante de situações que envolvam a adicção e os adictos.

Dessa forma, observa-se um esforço genuíno de investimento em um tipo de postura que traga benefícios, no sentido de provocar uma mudança no comportamento do adicto e/ou naqueles que se sentem atingidos pela sua adicção. Concomitantemente a isso, alguns participantes apontam que não se pode “mudar o adicto” na medida em que cabe somente a ele fazê-lo. De acordo com os participantes, cabe ao adicto pedir ajuda quando sentir que necessita, ao passo que aos familiares, membros ou não da irmandade, cabe “amá-lo”, como já referido no capítulo terceiro, no item Rodadas de acolhidas. O amor aparece como um elemento central para a manutenção de alguma relação com o adicto.

Mesmo com a afirmação de que não se pode “mudar o adicto”, alguns diálogos apontam para quais atitudes de parentes e de amigos podem contribuir para a promoção de mudanças de comportamento dos adictos no que diz respeito a sua relação com as substâncias psicoativas. Recorrentemente os participantes expressam a ideia de que se pode e/ou se deve “dar limites” ao adicto. Esses limites podem ser, por exemplo, restrições ao acesso de dinheiro para filhos adictos. Ou, como relatou uma mãe que disse ter “mimado muito” seu filho, em certo momento ela resolveu “dar limites à situação que ele se encontrava com as drogas”. Para tanto, ofereceu uma última oportunidade para que ele continuasse estudando e impôs horários para ele chegar em casa, condicionando esta mudança à possibilidade dele permanecer morando em sua casa.

De acordo com alguns membros de Nar-Anon, o esforço em se adotar um tipo de postura com os adictos não é exclusivo dos participantes da irmandade. Os participantes carregam preceitos e princípios da irmandade também para outros familiares, não membros. Assim, um membro relatou que o seu familiar adictos, percebeu que não apenas o comportamento do membro mudou, mas o de outros familiares também. O membro disse que o adicto percebeu que não é mais o “centro das atenções”, tampouco a “estrela da família”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os 12 Passos e as 12 Tradições, como partes integrantes do Programa de Recuperação, são prescrições de uma recuperação em NA e vividos pela ajuda mútua entre os membros. Reconhecer-se como adicto em recuperação significa fazer parte de um sistema guiado por uma moralidade, que existe e se atualiza no grupo. O Poder superior, como um dos pilares desse sistema, sustenta a irmandade, uma vez que a dimensão espiritual dos grupos torna claro o sentido de sofrimento associado ao passado e/ou ao presente, e algum alívio em pertencer a irmandade.

Do ponto de vista deste trabalho, indagar sobre o contexto de adicção significou buscar compreender este modo de vida, que apresenta um funcionamento, preceitos e práticas orientados por um sistema adicção-recuperação, voltado para uma re-organização da vida e para uma re-configuração de relações baseadas em princípios sociais e morais que fazem sentido para os membros.

Compreendo, assim, que os participantes de NA e de Nar-Anon adaptam e transformam para a sua realidade a moralidade dos grupos. Ou seja, os preceitos das irmandades se desdobram em práticas coerentes para a vida dos membros. Neste sentido, práticas como a transmissão da mensagem, a reparação, a procura por recuperação, as recaídas e as acolhidas, descritas e analisadas ao longo deste trabalho, aparecem como sendo construídas pelos membros de acordo com suas trajetórias, ou seja, refletindo uma recuperação vivida de forma particular. Esses pontos comportam os significados diferentes atribuídos pelos adictos à recuperação. Essa recuperação, ao mesmo tempo em que se faz nas partilhas, é demonstrada por elas.

Procurei mostrar também como o pertencer às irmandades de NA e de Nar-Anon traz à tona relações de parentesco e mais genericamente, “conexões”, uma vez que as relações entre os membros são construídas muitas vezes pela mediação do estar limpo, como condição que possibilita uma (re)configuração de relações. Por constrangimentos de tempo e dimensões deste trabalho, várias questões igualmente importantes, não puderam ser abordadas. Por exemplo, a questão de gênero que se fez evidente em muitas situações do trabalho de campo. Entre elas estão um número maior de homens frequentadores dos encontros de NA em relação a um número maior de mulheres participantes de Nar-Anon. Provavelmente isso não se deve

exclusivamente ao fato de haver um maior número de homens numa relação considerada por eles como problemática com substâncias psicoativas, tampouco por haver um número maior de mulheres com familiares e amigos adictos.

Outra questão que se mostrou importante, mas que não pode ser analisada neste estudo, diz respeito à medicalização como forma de tratamento para o adicto e a percepção disso entre os membros. Observei sem poder explorar mais a fundo, os percursos dos adictos por outras instituições e outros tipos de tratamento, anteriores ao ingresso em NA e suas concepções diferentes sobre o uso ou não de medicamentos para tratar a relação com as substâncias.

Para finalizar, gostaria de ressaltar aqui a interpretação de uma participante de NA sobre esse trabalho, que referi no capítulo terceiro. O entendimento dela de que esse trabalho “poderia alcançar algum adicto” me fez pensar que, como membro, ela fez cumprir o seu serviço perante a irmandade, de transmissão da mensagem. De minha parte, a interpretação dela me fez refletir, além disso, sobre meu papel e minha responsabilidade na reflexão sobre os grupos com quem juntamente pesquisei.

## REFERÊNCIAS

ALZUGUIR, Fernanda de Carvalho Vecchi. **Moralidade, vergonha e doença**: a carreira moral de homens e mulheres alcoólatras. 2010. 279 f. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

BECKER, Howard S. **Consciência, Poder e Efeito da Droga**. Uma Teoria da Ação Coletiva. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. pp. 181-204.

CAMPOS, Edemilson A. de. **Alcoolismo**: doença crônica e significado em uma Associação de ex-bebedores. 2008. Disponível em: <[http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD\\_Virtual\\_26\\_RBA/mesas\\_redondas/trabalhos/MR%2006/edemilson%20antunes%20de%20campos.pdf](http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2006/edemilson%20antunes%20de%20campos.pdf)> Acesso em: novembro de 2012.

CARSTEN, Janet. Substantivism, antistatistivism, and anti-antistatistivism. In: S. FRANKLIN & S. MCKINNON (Orgs). **Relative values**: Reconfiguring kinship studies. 2001. Durham, NC: Duke University Press. p. 29-53.

CARSTEN, Janet. The Substance of Kinship and the Heat of the Hearth: Feeding, Personhood, and Relatedness among Malays in Pulau Langkawi. In Parkin, R; Stone L (Orgs) **Kinship and Family**: an Anthropological Reader. 2004. Malden, MA: Blackwell Publishing. p. 309-324.

CARSTEN, Janet. Introduction. In Carsten, J. (Org). **Cultures of Relatedness**: New Approaches to the Study of Kinship, Cambridge University Press, 2000.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. Indivíduo e pessoa na experiência da saúde e da doença. **Ciência e Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro: 8(1), p. 173-183, 2003.

DUARTE, Luiz Fernando Dias. **Da vida nervosa (nas classes trabalhadoras urbanas)**. Jorge Zahar Editor-CNPq, Rio de Janeiro, 1986.

DUARTE, Luiz Fernando Dias; LEAL, Ondina Fachel (Orgs). **Doença, Sofrimento, Perturbação**: perspectivas etnográficas, Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998.

FAINZANG, Sylvie. **Curar-se do álcool**: antropologia de uma luta contra o alcoolismo. Niterói: Intertexto, 2007.

FARMER, Paul. On Suffering and Structural Violence: a view from below. In: KLEINMAN Arthur; DAS Veena; LOCK Margareth (Orgs.) **Social Suffering**. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1997. p. 261-284.

IORE, Maurício. **Os equívocos da internação compulsória**. 2013. Disponível em: <<http://www.rodrigovianna.com.br/outras-palavras/os-equivocos-da-internacao-compulsoria-2.html>>. Acesso em: fevereiro de 2013.

FONSECA, Claudia. Dossiê Repensando a infância. Da circulação de crianças à adoção internacional: questões de pertencimento e posse. **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 26, p.11-43, janeiro-junho de 2006.

FONSECA, Claudia. Das afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a “transpolinização” entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia. **Revista Ilha**, 5(2), p. 5-31, dezembro de 2003.

GRUPOS FAMILIARES NAR-ANON DO BRASIL. **Manual de Serviços do Nar-Anon**. 1ª Ed. Rio de Janeiro, junho de 2010.

GRUPOS FAMILIARES NAR-ANON DO BRASIL. **As Doze Tradições do Nar-Anon**. 1ª Ed. Rio de Janeiro, outubro de 2010.

LOECK, Jardel Fischer. **Adicção e Ajuda Mútua**: Estudo Antropológico de Grupos de Narcóticos Anônimos na cidade de Porto Alegre (RS). 2009. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

LOECK, Jardel Fischer. **Narcóticos Anônimos**: Narrativas de Sofrimento como Terapia. Trabalho apresentado na 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2010.

McCALLUM Cecilia, BUSTAMANTE, Vania. Parentesco, gênero e individuação no cotidiano da casa em um bairro popular de Salvador da Bahia. **Etnográfica** [Online], Lisboa, vol. 16 (2), 2012. Disponível em <[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0873-65612012000200001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65612012000200001&lng=pt&nrm=iso)> Acesso em fevereiro de 2013.

PARKIN, Robert; STONE, Linda. Introduction. **Kinship and Family**: an Anthropological Reader. 2004. Malden, MA: Blackwell Publishing. p.1-23.

RIBEIRO, Eduardo M. **A construção social do problema da dependência de drogas**: estudo antropológico dos discursos e representações mantidos por instituições de tratamento em Porto Alegre/RS. 1999. 263f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

TADVALD, Marcelo. **Serenos, corajosos e sábios**: a plataforma terapêutica dos Alcoólicos Anônimos e seus participantes através de um olhar antropológico. 2006. 157f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

TROIS, João F. de M. **A cura pelo espelho**: uma leitura antropológica do dispositivo terapêutico dos grupos de auto-ajuda de Neuróticos Anônimos. 1998. 158f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1998.

VELHO, Gilberto. **Nobres e Anjos**: Um estudo de tóxicos e hierarquia. Editora: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VICTORA, Ceres. “Querem Matar os Últimos Charruas”: Sofrimento Social e a “Luta” dos Indígenas que Vivem nas Cidades. **Revista Antropológicas**, Recife/UFPE, 22(1), 2011.

**As 12 Tradições de NA.** Disponível em: <<http://www.na.org.br/doze-tradicoes>> Acesso em: outubro de 2012.

**Os 12 Passos de NA.** Disponível em: <<http://www.na.org.br/doze-passos-html>> Acesso em: outubro de 2012.

**Os 12 Passos de Nar-Anon.** Disponível em: <[http://www.naranon.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=73&Itemid=107](http://www.naranon.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=73&Itemid=107)> Acesso em: outubro de 2012.

**Oração da Serenidade.** Disponível em: <<http://nasp.org.br/programas.php>> Acesso em: outubro de 2012.

## ANEXOS

### 12 PASSOS DE NA

1°. Admitimos que éramos impotentes perante a nossa adicção, que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.

2°. Viemos a acreditar que um Poder maior do que nós poderia devolver-nos à sanidade.

3°. Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, da maneira como nós O compreendíamos.

4°. Fizemos um profundo e destemido inventário moral de nós mesmos.

5°. Admitimos a Deus, a nós mesmos e a outro ser humano a natureza exata das nossas falhas.

6°. Prontificamo-nos inteiramente a deixar que Deus removesse todos esses defeitos de caráter.

7°. Humildemente pedimos a Ele que removesse nossos defeitos.

8°. Fizemos uma lista de todas as pessoas que tínhamos prejudicado, e dispusemo-nos a fazer reparações a todas elas.

9°. Fizemos reparações diretas a tais pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo pudesse prejudicá-las ou a outras.

10°. Continuamos fazendo o inventário pessoal e, quando estávamos errados, nós o admitíamos prontamente.

11°. Procuramos, através de prece e meditação, melhorar nosso contato consciente com Deus, da maneira como nós O compreendíamos, rogando apenas o conhecimento da Sua vontade em relação a nós, e o poder de realizar essa vontade.

12°. Tendo experimentado um despertar espiritual, como resultado destes passos, procuramos levar esta mensagem a outros adictos e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

## 12 PASSOS DE NAR-ANON

- 1°. Admitimos que éramos impotentes perante o adicto - que nossas vidas tinham se tornado incontroláveis.
- 2°. Viemos a acreditar que um PODER SUPERIOR a nós poderia devolver-nos à sanidade.
- 3°. Decidimos entregar nossa vontade e nossas vidas aos cuidados de Deus, COMO NÓS O CONCEBÍAMOS.
- 4°. Fizemos um minucioso e destemido inventário moral de nós mesmos.
- 5°. Admitimos para DEUS, para nós mesmos e para um outro ser humano, a natureza exata de nossos defeitos.
- 6°. Ficamos inteiramente prontos para que DEUS removesse todos esses defeitos de caráter.
- 7°. Humildemente pedimos a Ele para remover nossas imperfeições.
- 8°. Fizemos uma relação de todas as pessoas que tínhamos prejudicado nos e dispusemos a fazer reparações a todas elas.
- 9°. Fizemos reparações diretas a essas pessoas, sempre que possível, exceto quando fazê-lo viesse prejudicá-las ou a outras pessoas.
- 10°. Continuamos fazendo o inventário pessoal e quando estávamos errados nós o admitíamos prontamente.
- 11°. Procuramos, através de prece e meditação, melhorar nosso contato consciente com DEUS, COMO NÓS O CONCEBÍAMOS, rogando apenas o conhecimento da SUA vontade em relação a nós, e a força para realizar essa vontade.
- 12°. Tendo tido um despertar espiritual, por meio destes PASSOS, procuramos levar esta mensagem a outras pessoas e praticar estes princípios em todas as nossas atividades.

## 12 TRADIÇÕES DE NA

1°. O nosso bem-estar comum deve vir em primeiro lugar; a recuperação individual depende da unidade de NA.

2°. Para o nosso propósito comum existe apenas uma única autoridade – um Deus amoroso que pode se expressar na nossa consciência coletiva. Nossos líderes são apenas servidores de confiança, eles não governam.

3°. O único requisito para ser membro é o desejo de parar de usar.

4°. Cada grupo deve ser autônomo, exceto em assuntos que afetem outros grupos ou NA como um todo.

5°. Cada grupo tem apenas um único propósito primordial – levar a mensagem ao adicto que ainda sofre.

6°. Um grupo de NA nunca deverá endossar, financiar ou emprestar o nome de NA a nenhuma sociedade relacionada ou empreendimento alheio, para evitar que problemas de dinheiro, propriedade ou prestígio nos desviem do nosso propósito primordial.

7°. Todo grupo de NA deverá ser totalmente auto-sustentado, recusando contribuições de fora.

8°. Narcóticos Anônimos deverá manter-se sempre não profissional, mas nossos centros de serviço podem contratar trabalhadores especializados.

9°. NA nunca deverá organizar-se como tal; mas podemos criar quadros de serviço ou comitês diretamente responsáveis perante aqueles a quem servem.

10°. Narcóticos Anônimos não tem opinião sobre questões alheias; portanto o nome de NA nunca deverá aparecer em controvérsias públicas.

11°. Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não em promoção; na imprensa, rádio e filmes precisamos sempre manter o anonimato pessoal.

12°. O anonimato é o alicerce espiritual de todas as nossas Tradições, lembrando-nos sempre de colocar os princípios acima de personalidades.

## 12 TRADIÇÕES EM NAR-ANON

1°. Nosso bem estar comum deveria vir em primeiro lugar; progresso pessoal do maior número de membros depende da unidade.

2°. Para nosso propósito de Grupo há somente uma autoridade – um DEUS amoroso que pode se manifestar na nossa consciência de grupo. Nossos líderes são apenas servidores de confiança; eles não governam.

3°. Os parentes de adictos quando se reúnem para prestar ajuda uns aos outros, podem chamar-se GRUPO FAMILIAR Nar-Anon, desde que, como Grupo, não tenham nenhuma outra afiliação. O único requisito para ser membro é que exista um problema de adicção num parente ou amigo.

4°. Cada Grupo deve ser autônomo, exceto em assuntos que afetem um outro grupo, ou o NAR-ANON como um todo.

5°. Cada Grupo Familiar Nar-Anon tem apenas um propósito: prestar ajuda a familiares de adictos. Fazemos isso, praticando os DOZE PASSOS de Nar-Anon, encorajando e compreendendo nossos parentes adictos, bem como acolhendo e proporcionando alívio a familiares de adictos.

6°. Nossos Grupos Familiares Nar-Anon nunca deveriam endossar, financiar ou emprestar nosso nome a qualquer empreendimento de fora, para que problemas de dinheiro, propriedade e prestígio não nos desviem do nosso propósito primordial. Embora sendo uma entidade separada, deveríamos sempre colaborar com N.A./Narcóticos Anônimos.

7°. Cada grupo deveria ser totalmente auto-sustentado, recusando contribuições de fora.

8°. O trabalho do DÉCIMO SEGUNDO PASSO Nar-Anon deveria sempre permanecer não profissional, mas nossos centros de serviço podem contratar trabalhadores especializados.

9°. Nossos grupos, como tais, nunca deveriam ser organizados, mas podem criar juntas de serviço ou comitês diretamente responsáveis por aqueles a quem prestam serviço.

10°. Os GRUPOS FAMILIARES Nar-Anon não podem opinar sobre questões de fora, portanto nosso nome jamais deveria ser envolvido em controvérsia pública.

11°. Nossa política de relações públicas baseia-se na atração, não em promoção; precisamos sempre manter o anonimato pessoal, em nível de imprensa, rádio, filmes, internet e outras formas de comunicação de massa. Precisamos proteger, com o máximo cuidado, o anonimato de todos os membros de NA.

12°. O anonimato é a base espiritual de todas as nossas TRADIÇÕES, lembrando-nos sempre de colocar princípios acima das personalidades.